

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

IGOR TADEU DIAS DOS SANTOS

**UM RESGATE HISTÓRICO: AS TRAJETÓRIAS DAS PIONEIRAS DO CURSO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFS**

São Cristóvão - SE

2025

IGOR TADEU DIAS DOS SANTOS

UM RESGATE HISTÓRICO: AS TRAJETÓRIAS DAS PIONEIRAS DO CURSO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
ao Departamento de Ciência Sociais como
requisito para obtenção do título de
Bacharel(a) em Ciências Sociais pela
Universidade Federal de Sergipe (UFS) sob a
orientação do Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael.

São Cristóvão - SE

2025

IGOR TADEU DIAS DOS SANTOS

**UM RESGATE HISTÓRICO: AS TRAJETÓRIAS DAS PIONEIRAS DO CURSO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
ao Departamento de Ciência Sociais como
requisito para obtenção do título de
Bacharel(a) em Ciências Sociais pela
Universidade Federal de Sergipe (UFS).

São Cristóvão - SE, _19_ de __Fevereiro__ de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael
(Orientador)

Profa. Dra. Vilma Soares de Lima Barbosa

Profa. Dra. Mônica Cristina Silva Santana

À minha mãe, Edileuza Santos, e à minha tia, Eloisa Melo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família pelo apoio ao longo da minha jornada, no suporte e no incentivo para trilhar caminhos mais altos que a nossa família conseguiu chegar com a educação. Agradeço a minha mãe por todo o apoio nesses anos, pela parceria e suporte que sempre pude contar nas horas de maiores aflições como nas mais alegres; por todo o sacrifício realizado ao investir no meu futuro, sem a senhora não chegaria onde estou hoje. Agradeço ao meu pai por sempre me apoiar, mesmo não concordando com as minhas escolhas, sempre esteve ao meu lado. Agradeço a minha avó, às minhas tias e às minhas primas por estarem sempre ao meu lado; por todo cuidado no papel que desempenharam em minha vida e nos bons momentos que guardo comigo.

Grato à Melanie pela companhia nesses últimos cinco anos, por estar ao meu lado, ao me proporcionar os melhores risos e alegria que só você é capaz. Obrigado por fazer os meus dias serem mais alegres.

A minha amiga de longa data, Laís, pela parceria nos diversos momentos que tivemos. A sua companhia foi luz nessa jornada que chamo de vida, foi no seu apoio em momentos mais tensos que passei ao longo da graduação, principalmente durante a escrita do presente trabalho, que encontrei forças para prosseguir.

Agradeço a Filipe, por todos os momentos e conversas que tivemos ao longo desses três anos de amizade, parece que te conheço há tempos; sua amizade é uma das coisas mais preciosas que tenho em minha vida. A Jean por todas as conversas, desabafos, insights ou comentários sobre músicas, sou muito grato pela amizade que construímos.

Meus agradecimentos a Carlos Vinicius, Isa, Cauã, Kayllane, Humberto, Luana e Joana pela companhia ao longo dos anos, grato por terem vocês na minha vida, por todos os risos, afetos e rolês insalubres que nos submetemos.

Imensamente grato pelos amigos que fiz na UFS. À Isabelle, Maryanna e Karina, sem vocês esse percurso não seria a mesma coisa, foi nos cafés do Moura ou inúmeras conversas nas cadeiras do CECH, nos abraços dos corredores da UFS e nas fofocas que geraram inúmeros momentos marcantes. À Victória pela companhia nos rolês e nas conversas, sua amizade foi um presente que a extensão proporcionou. A Willane e Henzzo pela companhia nesse um ano na gestão do CACS, construindo e fortalecendo uma gestão que marcou a

história do nosso CA, bem como a construção de uma linda amizade. E a Carol pela parceria nesses dois anos de pesquisa, pela companhia e alegria que só você soube proporcionar.

A Carlos Victor, pela amizade que construímos ao longo da graduação, por todo apoio e parceria que desenvolvemos. Sem você, minha trajetória não seria a mesma, sou feliz tendo você na minha vida. Que a nossa amizade seja longa. A Renata, por todo apoio no processo da construção deste trabalho, por todos os momentos que construímos e nos nossos diálogos, agradeço por tudo. E a Leonardo, por todo amor e carinho que temos um pelo outro, aprecio muito sua companhia em minha vida, amigo, seja nos braços e nas conversas, agradeço muito por todo apoio, especialmente no período da seleção do mestrado.

Agradeço ao meu orientador, Ulisses Neves Rafael, por todas as oportunidades que me proporcionou ao longo desses dois anos. Foi no seu acolhimento como orientador que pavimentou os caminhos para que eu me percebesse enquanto pesquisador. Não tenho palavras para agradecer todos os conselhos e orientações recebidas, que marcaram minha trajetória. Considero o senhor como um pai no mundo acadêmico, que me guiou para os melhores caminhos possíveis, pois sem o senhor acho que estaria um pouco perdido nesse mundo.

A Joelina, Neilza, Nádia, Ednalva, Najó, Clarissa, Dilma, Maria, Inaê e Adriana agradeço por todas as contribuições dados ao trabalho, sem vocês o trabalho não seria realizado e não chegaria no qual chegou. Muito obrigado a vocês pelas trocas que realizamos nesse percurso, nas conversas e nas experiências de vida no mundo acadêmico. Agradeço a Inaê, pelos incentivos a ir mais longe como um profissional, na busca por melhores oportunidades e a importância na qualificação. Agradeço a Clarissa, Adriana, Ednalva e Najó pelas belas memórias que possuíam do curso e das professoras, que foram essenciais para o trabalho. Agradeço às professoras Joelina, Neilza, Dilma e Nádia por contribuírem e aceitar esse trabalho tão importante na história do DCS. Por fim, a Maria, minha grande interlocutora neste trabalho, agradeço por todo o apoio, informações e conversas sobre o andamento do trabalho, foi um prazer conhecê-la nesse percurso e espero que continuemos nessa jornada.

RESUMO

O objeto desta pesquisa é referente à presença feminina na consolidação das Ciências Sociais em Sergipe. A pesquisa girou em torno da reconstituição das trajetórias dessas intelectuais que construíram suas carreiras acadêmicas no âmbito da Universidade Federal de Sergipe. A fim de retomar as formas de inscrição social das mulheres contempladas na pesquisa, tornou-se fundamental a consulta das atas de reuniões disponíveis no Departamento de Ciências Sociais (DCS), a partir das quais foi possível a reconstituição dessas trajetórias. Também consultei documentos disponíveis no Programa de Pós-Graduação de Sociologia e resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONEPE) para reconstituir o processo de institucionalização do curso de Ciências Sociais na UFS. Realizei entrevistas semiestruturadas com algumas dessas professoras e com ex-alunas do Curso. Por fim, foi feito um levantamento bibliográfico sobre trajetórias intelectuais e estudos de gênero, os quais nortearam teórico-metodologicamente esta pesquisa. Os resultados e discussões foram divididos em duas seções, a primeira sobre o resgate da fundação do campo das Ciências Sociais em Sergipe, desde o período da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, até a fundação do curso de Ciências Sociais na UFS em 1991. Ao longo do trabalho pudemos observar como essas intelectuais atuaram para a consolidação das Ciências Sociais em Sergipe.

Palavras-chave: Ciências Sociais; Documentação; Gênero; Memória, Trajetória Intelectual.

ABSTRACT

The objective of this research concerns the female presence in the consolidation of the Social Sciences in Sergipe. The research focused on reconstructing the trajectories of these intellectuals who built their academic careers within the Federal University of Sergipe. To explore the social inscriptions of the women included in the study, it was essential to consult the minutes of meetings available at the Department of Social Sciences (DCS), from which it was possible to reconstruct these trajectories. I also consulted documents available in the Sociology Graduate Program and resolutions of the Council for Teaching, Research, and Extension (CONEPE) to reconstruct the process of institutionalizing the Social Sciences program at UFS. I conducted semi-structured interviews with some of these professors and with former students of the program. Finally, a bibliographical survey on intellectual trajectories and gender studies was conducted, which guided this research theoretically and methodologically. The results and discussions were divided into two sections, the first on the rescue of the foundation of the field of Social Sciences in Sergipe, from the period of the Catholic Faculty of Philosophy of Sergipe, until the foundation of the Social Sciences course at UFS in 1991. Throughout the work we were able to observe how these intellectuals worked to consolidate the Social Sciences in Sergipe.

Keywords: Social Sciences; Documentation; Gender; Memory, Intellectual Trajectory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro I - Panorama das disciplinas do Curso de Especialização em Ciências Sociais - Área de Concentração: Estado e Sociedade no Nordeste (<i>Latu-Senso</i>)	41
Quadro II - Corpo docente do Departamento de Ciências Sociais em 1991.....	47
Quadro III - Disciplinas do curso de Ciências Sociais (1991-1994)	48
Quadro IV - Produções da Professora Beatriz Dantas (1990-1995)	56
Quadro V - Produções da Professora Hélia Maria de Paula Barreto (1990-1995)	57
Quadro VI - Produções da Professora Joelina Souza Menezes (1990-1995)	59
Quadro VII - Produções da Professora Maria da Conceição Soares Siqueira Dantas (1990-1995)	60
Quadro VIII - Produções da Professora Marta Vieira Cruz (1990-1995)	60
Quadro IX - Produções da Professora Nádia Villas-Bôas (1990-1995)	62
Quadro X - Produções da Professora Neilza Barreto de Oliveira (1990-1995)	63
Quadro XI - Produções da Professora Tânia Elias Magno da Silva (1990-1995)	64

LISTA DE IMAGENS

Imagem I- Colagem dos primeiros professores do DCS/UFS.....	85
Imagem II- Grupo de Estudos e Pesquisa “História, Sociedade e Educação”	86
Imagem III - Fontes documentais e a pesquisa histórica em educação	87
Imagem IV - A pesquisa historiográfica em educação: avanços e perspectivas.....	87
Imagem V - IV Semana de Ciências Sociais.....	88
Imagem VI- IV Semana de Ciências Sociais	88

SUMÁRIO

1.Introdução	12
1.1 Estudos de gênero e memória	16
1.2 Constituição do trabalho	19
2. Capítulo I - Estado da arte: Entre trajetórias e gênero, a fundamentação de um campo.....	22
2.1 Trajetórias intelectuais: as perspectivas analíticas.....	22
2.2 As Ciências Sociais no Brasil.....	28
3. Capítulo II - As Ciências Sociais e a formação de um campo em Sergipe.....	33
3.1 A atuação dos pioneiros na construção de um campo	34
3.2 O processo de institucionalização na UFS	39
3.3 As experiências dos primeiros anos do Curso de Ciências Sociais na UFS	45
4. Capítulo III — Trajetórias e produções: as experiências das pioneiras do Departamento de Ciências Sociais	51
4.1 Compilação das trajetórias das professoras do DCS entre 1990 e 1995	56
4.2 Descrição dos percursos das pioneiras do curso de Ciências Sociais	66
5. Conclusão	79
6. Referencial bibliográfico	82
7. Anexo I.....	85
8. Anexo II.....	86
9. Anexo III.....	88
10. Anexo IV.....	89
11. Anexo V.....	90
12. Anexo VI.....	91
13. Anexo VII.....	92

1.Introdução

Quando entrei no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) com o projeto intitulado *A presença feminina na formação e consolidação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe*, em agosto de 2023 com duração até agosto de 2024, não sabia ao certo como seria a minha relação com esta pesquisa, visto que passei mais de um ano estudando populações ribeirinhas na Grande Aracaju. Ao iniciar a pesquisa, com a consulta das atas departamentais, foi se desbravando um novo campo em minha trajetória acadêmica. Com a imersão nesse campo, fui iniciando o levantamento bibliográfico e a realização das primeiras entrevistas, material através do qual pude obter um certo conhecimento da história das Ciências Sociais na UFS, bem como pude compreender quem eram essas mulheres.

Com o andamento da pesquisa, surgiram vários questionamentos que pareciam mais como uma angústia que incentivava a continuação da pesquisa mais a fundo. O principal questionamento dizia respeito ao fato do próprio DCS (Departamento de Ciências Sociais) não guardar qualquer registro sobre o período inicial de fundação do curso e o papel fundamental desempenhado por essas professoras nesse momento crucial das Ciências Sociais em Sergipe. Quanto mais pesquisava, mais evidente ficava a falta de uma memória entre os integrantes do Departamento na atualidade, principalmente entre os discentes do curso. Após a finalização do PIBIC em agosto de 2024, senti na necessidade de trazer à tona uma parte dessa memória que não estava presente no Departamento como um todo. Não só a história da fundação do curso na UFS como também, e principalmente, o pioneirismo das cientistas sociais presentes na criação do DCS da UFS. A questão que se colocava na época era, mas afinal quem são essas Mulheres?

Elas compuseram o quadro dos primeiros professores do DCS e se tornaram expoentes do campo das ciências sociais em Sergipe. Tiveram destaque pelo papel que desenvolveram no meio acadêmico, com pesquisas pioneiras e pela atuação no setor administrativo, além de também atuarem efetivamente na relação com a sociedade, fosse através da militância política ou no trabalho com a extensão universitária.

Essas professoras são: Tânia Elias Magno da Silva, Neilza Barreto de Oliveira, Nádia Fraga Villas-Bôas, Marta Vieira Cruz, Joelina Souza Menezes, Hélia Maria de Paula Barreto, Maria da Conceição Soares Siqueira Dantas. Havia outras ainda que atuaram no Departamento, quando o órgão abrigava também os professores de Psicologia, as quais

acabaram se aposentando antes da criação do curso de Ciências Sociais, em 1991. São elas: Beatriz Góis Dantas, Berenice Costa Sobral e Neuza Maria de Sales Ribeiro¹.

Muitas delas foram contactadas durante a realização da pesquisa, outras já não se encontram mais entre nós, embora tenham integrado círculos intelectuais dentro da universidade, e sobre as quais ainda se guarda alguma memória, nem que seja por parte de seus antigos alunos. Foi a partir das memórias daqueles que conviveram com elas e das próprias professoras, com as quais obtive contato, que o trabalho foi realizado. São essas memórias que eu tento resgatar para a reconstituição da história das Ciências Sociais sergipanas. Ao fazê-las pretendo tornar conhecido para as atuais gerações de discentes do curso de Ciências Sociais e para os que ainda virão, o significado da participação profissional e intelectual dessas mulheres. É perceptível como as informações sobre essa história acabam não sendo repassadas, o que favorece o esquecimento dessa atuação. Enquanto discente de graduação no curso, do qual fui representante no Conselho e Colegiado, estive envolvido em muitas ações no Departamento e nunca ouvia falar sobre a história do curso como um todo e sobre essas mulheres em particular. No fim, acabei conhecendo esses nomes e a sua história somente por causa do PIBIC. Às vezes penso que se não fosse por isso, acabaria terminando o curso sem conhecer essa história.

Quando olhamos para o quadro dos atuais discentes de Ciências Sociais é notável essa percepção. De meados de setembro a dezembro de 2024, realizei entrevistas com vários alunos das turmas de 2021 a 2023, aos quais representam o segmento ativo do curso. A seleção foi feita obedecendo uma amostra de 10% referente à quantidade de vagas disponíveis anualmente (50), ou seja, foram escolhidos cinco alunos de cada turma, o que totalizou quinze entrevistas ao todo. As perguntas feitas para eles giravam em torno do conhecimento que eles possuíam sobre a história de fundação do curso ou das Ciências Sociais em Sergipe; se o curso incluía nas grades do curso a produção bibliográfica disponibilizada por mulheres como referências obrigatórias ou complementares, principalmente referente à produção sergipana, e, por fim, se eles conheciam ou já tinham ouvido falar os nomes dessas professoras ou sobre a participação delas na formação e consolidação do curso.

Das respostas obtidas, grande parte não conhecia a história de fundação do curso de Ciências Sociais em Sergipe. Muitos (73,33%) relataram que isso nunca foi uma questão para

¹ Vale ressaltar que, quanto à professora Beatriz Dantas, por mais que estivesse aposentada em 1991, a menção do seu nome se manteve nas atas de reuniões departamentais, diferentemente das professoras Berenice e Neuza, cujas menções não aparecem.

eles ou nunca foram instigados a buscar informações sobre o assunto. A maioria sequer sabe em que ano o curso foi fundado, nem sobre a participação daqueles que ajudaram a fundá-lo ou sobre o protagonismo feminino nesse empreendimento. Quando perguntados sobre como se sentiam em relação a essa falta de informação, a maioria relatou que se sente mal por não conhecer o assunto ou por nunca ter se indagado a respeito ou procurando mais esses dados. Outros falaram que essa história do Departamento deveria estar mais acessível para os alunos, conforme depoimentos a seguir:

Caraca como assim eu não sei, não sei como me sinto, mas assim, fico pensando, poxa será que é falta de interesse meu ou será algo que deveria estar mais posto (**Aluno da turma de 2021, sétimo período**). Eu sinto que não sei nada sobre a história do curso, mas mesmo assim estou aqui fazendo ele. Na verdade, não sei a história local e a história nacional pouquíssimo, só o que eu aprendi foi em Sociologia Brasileira (**Aluno da turma de 2022, quinto período**). A ficha meio que caiu, eu realmente não sei de nada disso. Eu eu não procurei saber e ninguém do Departamento foi atrás de falar sobre isso, principalmente em questões de mulheres. Eu sinto que isso acaba sendo um apagamento, inviabilizando as mulheres que realmente ajudaram a fundar o curso (**Aluno da turma de 2023, terceiro período**).

Dos quinze entrevistados, apenas seis discentes (40%) souberam falar um pouco sobre a história das Ciências Sociais em Sergipe. Muitos abordaram o tema do ensino de sociologia em disciplinas isoladas em outros cursos na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI), associado aos estudos de antropologia realizados pela professora Beatriz Dantas:

Segundo a professora Beatriz Dantas, não existia uma escola de antropologia, não me lembro bem porque foi numa aula de antropologia que eu vi, de forma bem rápida, mas acredito que foi a professora Beatriz que ajudou a fundar, porque no curso não é discutido isso (**Aluno da turma de 2021, sétimo período**). Na Faculdade de Filosofia, se não me engano você se formava em História e Geografia, quem estudava na graduação tinha o componente de Antropologia (**Aluno da turma de 2021, sétimo período**). Eu sei que foi fundado nos anos 90, mas em dúvida se foi em 91 ou 98, sei disso porque tem a foto do primeiro congresso na sala de reuniões e umas coisas que Wilson falou dos eventos. (**Aluno da turma de 2022, quinto período**). O que eu lembro de relance, o curso começou não necessariamente com a antropologia, mas nessa base da arqueologia, aí uma pesquisadora Beatriz Dantas foi importante para a construção das Ciências Sociais aqui na UFS. Por matéria, eu não lembro se faltei no dia que teve, mas não me lembro de ter pegado na disciplina especificamente sobre a história das Ciências Sociais aqui na UFS. O que a gente viu foi o panorama sobre a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, com Política IV e Sociologia IV (**Aluno da turma de 2022, quinto período**).

Quando perguntados se conheciam as professoras pioneiras e a atuação delas na formação e consolidação das Ciências Sociais na UFS, e se a sua produção intelectual estava prevista na grade de disciplinas do curso, a maioria informou que conhecia somente Beatriz Dantas, pela atuação dela no campo da Antropologia em Sergipe, mas que desconheciam o papel ativo que ela teve na formação do curso. Alguns dos entrevistados informaram que seus trabalhos foram incluídos como bibliografia complementar nas disciplinas de Antropologia.

Ademais, outros informaram conhecer Berenice Sobral, Neilza Oliveira e Tânia Magno pelo fato de terem sido citados outros professores da ativa e pela utilização de suas obras como referencial na disciplina de Política IV, embora não tenham destacado a participação delas na formação do curso.

Vejo que a falta de um conhecimento sobre a história do curso e sobre o protagonismo dessas mulheres é algo que permanece no meio acadêmico, principalmente com a inviabilização feminina nas ciências. Porém, quais foram as condições que levaram a esse esquecimento? Como se chegou a esse nível de apagamento entre as gerações atuais? Após esse levantamento de dados, ficava cada vez mais claro que não se falava ou nem se debatia sobre as pioneiras no Departamento, especialmente nas atuais gerações de discentes. Aparentemente há um grande esquecimento dessas intelectuais que são referências regional e nacional, mas quase não são trabalhadas no próprio curso que elas ajudaram a fundar.

A história dessas mulheres está no imaginário daqueles que foram seus contemporâneos, isto é, os colegas de trabalho e alunos de graduação que com elas estudaram, conforme material recolhidos em entrevistas. Contudo, grande parte dessa história está ameaçada de esquecimento total. Hoje só se pode ter uma noção precisa das atividades por elas desenvolvidas nesse período inicial de funcionamento do curso, através das atas das reuniões departamentais, onde os nomes e os feitos dessas intelectuais aparecem mais frequentemente. Outro ponto a observar, é que essas professoras se tornam pioneiras em uma área em construção, como é o caso do processo de institucionalização das Ciências Sociais em Sergipe, as quais atuaram efetivamente na fundação e consolidação do curso, como também na produção acadêmica e no campo intelectual no Estado.

Deste modo, o objeto desta pesquisa é referente à presença feminina na institucionalização das Ciências Sociais em Sergipe, de forma a acompanhar a história e as dinâmicas de criação do curso na UFS, junto ao modo como essas professoras concorreram para sua consolidação, especificamente, partindo da reconstituição das trajetórias de suas carreiras acadêmicas no âmbito desta Instituição. Elas representam a reprodução desse campo em Sergipe, visto que não apenas atuaram como docentes, mas também na realização de pesquisas pioneiras em torno de temas socioantropológicos como o folclore, religiões afro-brasileiras, arqueologia e museologia, educação, problemas ambientais etc. A partir disso, contribuíram decisivamente no processo de difusão dos resultados das investigações realizadas em Sergipe, de modo a provocar impactos importantes no percurso do curso dentro e fora do Estado.

1. 1 Estudos de gênero e memória

Para buscar como essas intelectuais se firmaram dentro da UFS, é necessário entender como os espaços ocupados por essas mulheres foram impactados por suas trajetórias, isto é, como a constituição das relações de gênero no espaço acadêmico vão atingir essas mulheres, em meio à suas trajetórias. Para isso, os estudos de gênero são essenciais, aqui tomado enquanto categoria analítica, sendo que o recorte utilizado foi o da compreensão da inviabilização feminina no campo acadêmico e suas experiências sociais nos períodos em que eram ativas no departamento. Assim, o objetivo desse tópico é entender o silenciamento feminino no âmbito acadêmico e as diversas experiências apreendidas por elas nas relações que desenvolveram nesse espaço.

No contexto institucional dos estudos de gênero no Brasil, Ana Alice Costa e Cecília M. Sardenberg (2015) entendem a constituição dos núcleos de estudos de gênero como resultado da atuação feminista na década de 1960, no qual a institucionalização acadêmica consolidou a área no meio acadêmico. Já Maria Heilborn e Bila Sorj (1999) entendem que a institucionalização dos estudos de gênero no Brasil se dá no momento que as intelectuais preferiram integrar a dinâmica da comunidade acadêmica brasileira como forma de obter reconhecimento científico, do que a construção de espaços alternativos para a circulação de suas produções como foi na experiência estadunidense.

Joan Scott se torna fundamental para o entendimento do conceito de gênero. Em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), a autora traça um breve panorama dos debates que se seguiam entre o marxismo, a psicanálise e o movimento feminista, cujas as análises estavam voltadas para os processos identitários limitados à esfera familiar ou às experiências domésticas. Desta maneira, o conceito de gênero posto por Scott (1995) é o da constituição de corpos generificados que expressam as diferentes formas de relações de poder dentro do contexto social. Ou seja, gênero está dentro das relações sociais e é nela que observamos as diferentes formas de relações assimétricas entre os corpos generificados.

O artigo *A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências* (LOPES; SOUZA; SOMBRIO, 2004), mostra como a ausência de mulheres na ciência é uma construção historiográfica verificada principalmente entre o final do século XIX e início do século XX, que concorreu para uma visão da ciência como reservada aos corpos masculinos. O artigo visa instigar o leitor a questionar essa visão na história da ciência, ao mostrar que houve

participação feminina na ciência durante aquele período, a exemplo da cientista Bertha Lutz, que atuou na política, em movimentos sociais referente à luta feminista e aos direitos das mulheres no século XX, além de também no Museu Zoológico do Instituto Oswaldo Cruz. As autoras ainda mostram como essa construção historiográfica permite que se verifique a invisibilidade das carreiras de intelectuais femininas ao longo da história, como ocorreu com Bertha Lutz.

Já Maria Lopes (2012), por sua vez, ao refletir sobre gênero e a história das ciências naturais, notou que é na década de 1980 que ocorrem os primeiros estudos e a constatação da ausência das mulheres nas ciências. Ao mesmo tempo, Lopes nota que em relação ao campo brasileiro esses estudos são incipientes e pouco debatidos, mas que não significam algo perdido, como ela mesmo fala:

Mas como as mulheres praticamente não constam da História das Ciências no Brasil, não dispomos de uma vasta produção sobre o tema que conte com tradições construídas desde o fim do século passado, como nos Estados Unidos ou em outros países europeus. Mas isso não significa que se trata de começar do zero. Pelo contrário, trata-se sim de recuperar, avançar e criar novas tradições, que nos permitam tornar visíveis as mulheres e as relações de gênero em nossos fazeres científicos. (LOPES, 2012, p.366)

Outro trabalho é o da Maria Teresa Citelli, cujo artigo *Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo* (2015), traça um panorama das produções acadêmicas sobre a participação das mulheres nas ciências. A autora afirma que é nos anos 1980 que o olhar sobre a exclusão e invisibilização das mulheres na ciência se torna relevante enquanto objetos e que ao longo dos anos a interdisciplinaridade entre gênero e ciência resultou numa vasta bibliografia. Citelli demonstra como as contribuições acerca do cruzamento entre os dois campos, gênero e ciência, foram essenciais para acenar para a grande invisibilidade das mulheres, junto ao fato que no Brasil, os estudos de gênero nas ciências não são algo forte, devido ao baixo interesse pelo tema que é refletido na baixa produção acadêmica sobre mulheres e ciências e/ou gênero e ciência, o que favorece na continuação da exclusão histórica da mulher na ciência:

Nessa história, podemos ver a construção de gênero como a construção da exclusão das mulheres e do que é rotulado de feminino (um domínio que de fato inclui muitas mulheres) de significados de poder que o conhecimento pode engendrar. A exclusão do feminino da ciência tem sido historicamente constitutiva de uma peculiar definição de ciência – como indiscutivelmente objetiva, universal, impessoal e masculina –, uma definição que serve simultaneamente para demarcar masculino de feminino, ciência de não-ciência e, até mesmo, boa ciência de má ciência. (CITELLI, 2015, p.68)

Com a exposição sobre as questões referentes à posição histórica feminina dentro da ciência e como a sua indivisibilidade é de uma certa forma sistêmica, principalmente pelo fato

do espaço em que a ciência é produzida de ser constituída em todas as suas formas por corpos masculinos, estes que ditam e moldam a forma como quais trabalhos serão visualizados e relevantes, contribuem para que corpos femininos estejam às margens das produções científicas no sentido de não possuírem as mesmas oportunidades de serem visualizadas e relevantes como os homens são no meio acadêmico.

Suely Kofes e Adriana Piscitelli, em *Memórias de histórias femininas, memórias e experiências* (2011), discutem como a memória é afetada pelas experiências, principalmente nas relações de gênero. Para as autoras, ao abordar as experiências narradas pelo sujeito, há uma certa temporalidade interna dentro da narrativa, em que possamos atentar nas interpretações que obtiver, bem como, estabelecer um fio entre experiência, narrativa e memória. A memória para elas se torna fundamental, visto que, contém um rico material para além da reconstituição de um passado, em que a ênfase se dá pela lembrança. As autoras enfatizam que a categoria gênero é um operador de diferenças que organizam as relações sociais e, conseqüentemente, as experiências: “Quem narra suas lembranças, recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero” (KOFES, PISCITELLI, 2011, p.347). Desta forma, o gênero afeta em uma certa medida as narrativas faladas pelo sujeito, nas suas experiências dentro das relações sociais.

Ainda sobre as experiências dos sujeitos, no artigo *Experiências sociais, interpretações individuais: Histórias de vida, suas possibilidades e limites*, Kofes (2007) aborda as interpretações individuais de experiências sociais ao estudar duas histórias de vida, de uma empregada doméstica e de uma mulher de classe média, as quais são analisadas sob três dimensões: a primeira sendo os relatos motivados pelo pesquisador, ao implicar a sua presença como ouvinte e interlocutor; a segunda, somente considerando o material que foi narrado durante a entrevista; e, por fim, de uma parcela da vida do sujeito em relação ao tema da pesquisa, sem zerar as várias formas de uma biografia (Kofes, 2007).

Ela continua observando que os relatos de história de vida não são desconexos e incoerentes, eles adquirem sentido quando reordenados pelo pesquisador. Isto é, as três dimensões podem ser organizadas da maneira que o pesquisador determinar, visto que, possuem informações, evocações e reflexões. Assim, vemos que ao reconstituir as trajetórias das intelectuais em estudos, observa-se que as memórias serão interseccionadas pelas relações de gêneros e por meio das narrativas delas. Sendo que essa reconstituição é feita por meio da

ideia posta por Kofes (2007), sobre histórias de vida, que possibilita uma maior perspectiva analítica das trajetórias.

1.2 Constituição do trabalho

Nos resultados obtidos, a minha conclusão foi a de que as Ciências Sociais surgem de uma prática autônoma e amadora, na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, posteriormente com o Departamento de Ciências Psicológicas, Sociológicas e Antropológicas, pós fundação da UFS em 1968 e, por fim, com a criação do Curso de Ciências Sociais. É no âmbito da UFS, que as professoras atuam como docentes, inicialmente no Departamento de Psicologia e Sociologia, onde começaram a trilhar a sua trajetória acadêmica e através da qual ganham renome na academia. Contudo, em certo momento de suas carreiras, já no contexto do DCS, grande parte delas se aposenta e suas contribuições acabam sendo esquecidas pelos novos discentes e docentes do curso, o que foi ocasionado pela falta de registros mais sistemáticos das suas contribuições no Departamento.

O objetivo geral aqui, pois, é a reconstituição das trajetórias desses intelectuais que construíram suas carreiras acadêmicas no âmbito da Universidade Federal de Sergipe, a fim de recuperar as suas contribuições para a formação e consolidação do curso de Ciências Sociais na Instituição, observando os condicionantes que perpassam as suas carreiras e as produções realizadas por elas. Especificamente almejávamos:

reconstituir a história do surgimento das Ciências Sociais no Brasil e em Sergipe;

registrar as trajetórias acadêmicas das pioneiras, através das produções registradas nas atas departamentais e pelo relato de terceiros obtidos através de entrevistas;

observar como elas estavam inseridas no campo das Ciências Sociais e de que maneira se deu a sua atuação na formação e consolidação do curso.

Para chegar a tais objetivos utilizamo-nos de uma metodologia baseada na pesquisa qualitativa de caráter exploratória, constituída de levantamento bibliográfico, pesquisa documental e entrevista para recuperar as formas de inscrição social dos indivíduos contemplados na pesquisa.

O levantamento bibliográfico é constituído por três eixos: história das ciências sociais no Brasil e as trajetórias intelectuais de mulheres nesse processo; a análise da categoria de gênero e sua importância para compreender os processos de afirmação intelectual e profissional na academia; a participação efetiva das mulheres na fundação e consolidação do

Curso de Ciências Sociais em Sergipe. Os estudos de gênero serviram para delimitar sobre quais mulheres estamos falando, as formas intrínsecas de poder que um corpo generificado ocupa nas relações sociais e o modo como se fundamentam os corpos generificados no ramo acadêmico. O estudo sobre a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil se tornou necessário ao entendimento no contexto nacional e das particularidades presentes na fundação da área, para depois focalizar o surgimento do campo das Ciências Sociais em Sergipe. As diversas obras sobre trajetórias serviram como norte teórico-metodológico na constituição do trabalho, como também de várias ópticas sobre a noção de trajetórias intelectuais femininas.

A pesquisa documental teve como foco a consulta de materiais documentais dos anos de 1990 a 1995 (Atas, portarias, memorando, etc) disponíveis no DCS, sobre o qual foram produzidas tabelas com as informações levantadas, seja menções ou documentos próprios dessas professoras. O recorte temporal entre 1990 e 1995 se dá pela disponibilidade do material no DCS, como materiais mais antigos e que contém dados referentes às professoras. Da mesma forma, buscou-se resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONEPE) da UFS, portarias do Ministério da Educação (MEC), Leis Federais e Arquivos do PPGS (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) para reconstituir o processo de institucionalização do curso de Ciências Sociais na UFS.

Para o complemento de dados, foram realizadas entrevistas com os professores contemporâneos do DCS, bem como com pessoas que foram alunos ou/e trabalharam com elas, a fim de se ter um melhor conhecimento acerca das relações que elas estabeleciam no âmbito acadêmico e a percepções que se tem sobre o impacto delas nas suas áreas de atuação.

O presente TCC é dividido em três capítulos, sendo o primeiro capítulo o estado da arte, o segundo capítulo a história da formação das Ciências Sociais em Sergipe e o terceiro capítulo as trajetórias intelectuais das professoras do DCS.

No primeiro capítulo são discutidos dois eixos teórico, a trajetória intelectual e as Ciências Sociais no Brasil, sendo o primeiro um compilado de várias obras que se propõe nos estudos das trajetórias intelectuais femininas, as quais as metodologias aplicadas, as questões que foram levantadas e a estruturação dessas obras serviram como um norte na estruturação do meu trabalho. Já no segundo eixo, foram utilizadas bibliografias referentes ao campo das Ciências Sociais no Brasil, para o entendimento de sua institucionalização no ensino superior.

Já no segundo capítulo, aborda o processo de institucionalização das Ciências Sociais em Sergipe, com a observação da atuação dos pioneiros dentro da Faculdade Católica de

Filosofia de Sergipe e a sequência dessa atuação na UFS quando se verifica o processo de fundação do curso em 1991.

Por fim, o terceiro capítulo é a reconstituição das trajetórias das intelectuais, com base nas informações obtidas, seja por terceiros ou por elas próprias. Neste capítulo, inicialmente é debatida a condição da mulher no espaço acadêmico na década de 1990, sob a perspectiva das alunas de Ciências Sociais e das professoras; seguido das suas trajetórias, conforme as citações de seus nomes nas atas de reuniões departamento de 1990 a 1995. Por fim, foi feito um breve resumo das trajetórias das professoras construídas a partir dos dados obtidos.

2. CAPÍTULO I — Estado da arte: a fundamentação de um campo

Antes de entrar nos resultados obtidos, é necessário um espaço reservado para o debate teórico, pela necessidade de elencar as teorias que possibilitaram a constituição do presente trabalho, bem como a maneira de olhar para os dados, isto é, os elementos essenciais a serem observados e como observá-los. Como demonstrado por Evan-Pritchard “É inútil partir para o campo às cegas. É preciso saber exatamente o que se quer saber, e isso só pode ser conseguido graças a um treinamento sistemático em antropologia social acadêmica” (2005, p.244). Para isso, o trabalho se encontra na área da história intelectual, que busca estudar a formação de um campo intelectual e a formação das Ciências Sociais no Brasil.

Os estudos sobre trajetórias intelectuais não são recentes, possuindo uma vasta produção, principalmente no Brasil, onde fui buscar seus principais expoentes, os quais foram essenciais no norteamento da pesquisa. Esse campo se baseou em diversos trabalhos acerca da trajetória de intelectuais femininas que ocuparam espaços acadêmicos nas disputas por posições de prestígio, além das noções teóricas-metodológicas que remetem às possibilidades de reconstituição das experiências e deslocamentos sociais que foram percorridos pelo objeto em estudo.

Quanto à formação das Ciências Sociais no Brasil foi realizado um extenso levantamento bibliográfico sobre sua formação e consolidação, tendo como o principal norte a coleção *História das Ciências Sociais Vol.1* (1989) e *História das Ciências Sociais Vol.2* (1995), organizadas por Sérgio Miceli. Aqui foi abordado o processo de consolidação do campo, principalmente em instituições como a Universidade de São Paulo, a Escola Livre de Sociologia e Política e a Universidade do Distrito Federal, para em seguida falar do processo do reconhecimento da profissão do sociólogo e da introdução do ensino de sociologia no Ensino Médio.

2.1 Trajetórias intelectuais: as perspectivas analíticas

No artigo *Círculos Intelectuais e Experiência Social* (1997), Heloisa Pontes subdivide a história intelectual em duas posições *internalistas* e *externalistas*: a primeira se encontra no campo da linguística estrutural, da semiologia e da história da arte, nas quais se visa uma análise das obras e produtos culturais pelos seus conteúdos substantivos, sem interferência com o social; já a segunda posição, a análise das obras e produtos culturais se dá através das condições sociais, ao focar na maneira como os trabalhos produzidos pelos intelectuais são

reflexos do contexto em que estão inseridos. Quando voltamos às trajetórias das intelectuais sergipanas que compuseram o DCS, vemos que elas se enquadram em um cenário que as tornava parte de círculos de intelectuais pioneiros. Através da concepção *externalista* de Heloisa Pontes (1997), eu pretendo explorar as condições sociais que essas mulheres sergipanas estavam inseridas, em suas experiências sociais e as formas como as relações de gênero impactaram nas suas trajetórias, mas também entender como elas ganharam posições de destaque no campo intelectual sergipano.

Para Pierre Bourdieu em *A ilusão biográfica* (2006), o autor caracteriza o empreendimento biográfico como a forma concebida da existência individual no relato de vida, em que o investigador busca em dar um sentido narrável diante dos acontecimentos significativos do investigado. Para explicar o que seria o relato de vida, Bourdieu tenta antes debater a ideia do nome próprio e suas implicações no social. O nome próprio é o atestado visível da identidade do indivíduo, que se desloca no tempo e nos espaços sociais, ele por si não pode representar propriedade nem vincular nenhuma informação, já que é uma imposição arbitrária dada para nomeação, assim, somente servindo como identificador do indivíduo nos espaços em que circula. Assim, o relato de vida, segundo Bourdieu, aproxima-se do modelo oficial de apresentação da própria existência individual, que expressa pelo nome próprio, sendo pautado na produção de um discurso sobre si, em que os acontecimentos biográficos são definidos nas colocações e deslocamentos no espaço social.

Propor uma retomada biográfica das produções e dos relatos de vida das intelectuais por aqueles que conviveram com elas no período que estavam ativas na universidade, é entender as colocações e deslocamentos no espaço social que elas percorreram para a construção de suas trajetórias, seja nas posições de prestígios, nas relações construídas e o campo acadêmico, ao tentar constituir os principais eventos que marcaram as suas trajetórias. Afinal, cada uma delas construiu as suas carreiras na UFS, adquirindo um certo renome acadêmico, o que implica certo tipo de prestígio, que atesta a existência delas contra a inviabilização que ocorreu com o passar dos anos no DCS, isto é, o apagamento de suas contribuições às Ciências Sociais dentro do departamento.

Claudinei Spirandelli na sua tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociologia defendida em 2008, intitulada *Trajetoórias intelectuais: professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (1934-1969)*, mostra as relações de gênero nas disputas das cátedras do curso de ciências sociais da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) ,através das produções e trajetórias das professoras com histórias paradigmáticas,

modeladoras ou exemplares que atuaram no que o autor chama das duas primeiras gerações. Ele observa os mecanismos utilizados por elas para se legitimar em um campo tradicionalmente masculino, o das Ciências Sociais uspianas - nas cátedras de sociologia I, sociologia II, Antropologia e Política - bem como, nas disputas travadas para liderarem essas cátedras. Para além desse foco, o autor realizou uma vasta pesquisa sobre as trajetórias dessas professoras, desde a composição familiar - principalmente as relações de classe social² - até a entrada na USP onde fizeram sua formação acadêmica.

O trabalho de Spirandelli se estrutura em termos de três eixos analíticos: 1) o sistema de Cátedras da USP, 2) as origens e experiências sociais das professoras uspianas e 3) os objetos de pesquisa delas. O primeiro está relacionado às amplas relações existentes no sistema de cátedras, utilizado antigamente na FFLCH, principalmente as relações acadêmicas e as de poder. O segundo eixo é sobre as origens e experiências sociais das professoras em termos de classes sociais e procedência familiar; sua entrada nas ordens institucionais da universidade, seja em grupos de pesquisa, seja em disciplinas ou política; as redes e relações de sociabilidade (parcerias de amizade, familiares ou matrimoniais); por fim, o terceiro eixo realiza análises que pretendem dar conta das formas de poder e da produção intelectual na área das Ciências Sociais da USP, através dos objetos de pesquisa e das obras das professoras.

O modo como o autor organizou o trabalho se torna um guia metodológico ao meu objeto de análise, no qual busco as relações acadêmicas e de poder que as intelectuais sergipanas construíram; a tentativa de mapear as disciplinas ministradas e os temas de pesquisas desenvolvidos por elas; compreender as suas origens sociais, as relações construídas no âmbito da UFS e o quanto isso influencia em suas trajetórias intelectuais; por fim, a análise de suas produções como fruto das experiências recebidas por elas.

Já dissertação defendida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Santa Catarina, por Fernanda Azeredo de Moraes, em 2012, intitulada *Pântanos de relações e colchões de cumplicidade: Academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais*, tem como objetivo analisar as trajetórias de quatro intelectuais das ciências humanas (Josildeth Gomes Consorte, Professora Jerusa de Carvalho Pires Ferreira, Professora Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins e Professora Nadya Araujo Guimarães), que foram casadas com outros intelectuais. A autora busca as articulações

² O autor entende as relações de classe sociais, as formas de sociabilidades desenvolvidas pelas professoras uspianas desde de suas origem familiar até o cargo de docente, como forma de entender como essas relações impactam em suas trajetórias e nas disputas de cátedras dentro da FFLCH.

que essas mulheres desenvolverem, ao longo de suas vidas, nas parcerias conjugais com seus maridos e nas suas carreiras acadêmicas individuais, quando se observa uma grande negação masculina quando o assunto envolve conjugalidade, isto é, dificuldade de dar os devidos créditos às mulheres que tiveram papéis fundamentais em suas produções e obras.

Igualmente, a questão da conjugalidade se torna presente no trabalho da Mariza Corrêa em *Antropólogas & Antropologia* (2003), que teve uma nova perspectiva de análise das trajetórias de mulheres que contribuíram de alguma forma para a consolidação do campo da antropologia brasileira, mas que acabaram sendo esquecidas ou referidas apenas como esposas de alguém. Corrêa questiona o fato dos cânones da Antropologia serem majoritariamente masculinos, refletindo as estruturas de poder baseadas na intersecção entre classe, raça e gênero, o que demonstra que essa estrutura se mantém presente dentro das produções associadas à linguagem e ao gênero e que detém as intenções de manutenção das formas de poder e dominação masculina na antropologia.

Corrêa (2003) nos instiga a pensar em uma linhagem feminina na Antropologia, a partir do debate sobre as mulheres que praticavam pesquisa de campo, mas que acabaram sendo creditadas apenas como esposas de alguém, a exemplo do caso de Dina Lévi-Strauss que, mesmo sendo uma grande intelectual e tendo participado em pesquisas de campo enquanto esteve no Brasil, no fim foi creditada apenas como a esposa do estruturalista:

Se esposas pareciam ser anátema para as antropólogas profissionais, as antropólogas que se aventuravam a exercer a profissão sem a proteção de um marido pareciam ser anátema para os antropólogos já estabelecidos: na mesma época em que a maioria das antropólogas fizeram pesquisa de campo com seus maridos, Ruth Landes (1908-1995) veio para o Brasil sozinha e seu caso parece exemplar (CORRÊA, 2003, p.191).

Ao olhar para o nosso objeto, vemos que as nossas interlocutoras também passaram a utilizar o nome dos seus maridos, os quais possuíam certo destaque no campo intelectual sergipano. Será que, em certa medida, elas passaram a ser vistas somente como parceiras deles e não como profissionais renomadas que eram? Essa pergunta entra em destaque como forma de entender o impacto que a conjugalidade desempenhou nas experiências das professoras. Ao trazer o trabalho de Mariza Corrêa e Fernanda Moraes, tento observar como as nossas intelectuais sergipanas constroem as suas carreiras. Ao tentarem adquirir renome no âmbito acadêmico, são impactadas pela conjugalidade em suas trajetórias, visto que parte delas foram casadas com outros professores da UFS. Assim, a Corrêa informa que o renome é como uma espécie de segundo nome que o intelectual é conhecido:

O que significa então um nome, senão renome? Um homem de renome estende a "ilusão biográfica" para além do momento em que o adquire - nós sucumbimos a essa ilusão ao sair à procura de Dina Lévi-Strauss. Renome no duplo sentido de nome famoso e de segundo nome, no caso das mulheres, com frequência o que elas adquirem ao casar (no caso de alguns homens, o escolhido por eles para seu nome público como Reginald Brown escolheu tornar-se Radcliffe- Brown em certo momento). Ao serem assim renomeadas essas mulheres tornam-se então esposas em primeiro lugar e são assim também consideradas (CORRÊA, 2003, p. 22).

O livro *Uma trajetória em Narrativa* da Sueli Kofes (2001) é fruto de uma pesquisa em que buscou traçar a trajetória de uma figura emblemática da cidade de Goiás, Consuelo Caiado. Trata-se de uma etnografia documental constituída a partir de jornais e literatura da época. Por conta do esquecimento dos moradores de Goiás, fez-se necessário reconstituir a trajetória que levou essa mulher a se destacar na primeira metade do século XX e cujo percurso intelectual foi marcado por trauma e crises de relações familiares. Para isso, Kofes utiliza-se de três pressupostos para a realização do seu trabalho: O primeiro diz respeito ao fato de que não narrar alguém ou algo é um modo analógico de dizê-lo como morto. O segundo é a maneira como a memória se constrói na relação lembranças/esquecimentos; no embate entre aquilo que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inarrável. Por fim, o terceiro decorre dos dois primeiros, os quais consideram as disputas políticas que permeiam a constituição das narrativas, lembranças e o esquecimento.

Segundo a autora, a sua intenção justifica-se pela experiência do sujeito específico, já que a antropologia em sua trajetória elaborou interpretações, explicações e teorias, que também se constituíram narrando as histórias ouvidas. Nesse exercício, foi preciso situar o que constitui a trajetória do sujeito 'esquecido' e, os seus elementos que marcaram a sua experiência, num contexto que lhes dê sentido. Desta maneira, a abordagem focaliza a experiência de um sujeito e não a sua reconstrução de vida.

Assim, não se pode utilizar o método biográfico, isto é, levantar uma história de vida da forma clássica, utilizada pela antropologia, ao escrever enquanto ouve diretamente da pessoa biografada. Kofes utilizou-se de outras ferramentas que possibilitam seguir os rastros do seu objeto. O uso das inscrições foram uma forma de preservar a temporalidade, cuja oralidade se dispersa. Entretanto, não se nega a subjetividade que o sujeito traz em seus relatos, pois no fim é um modo de cristalização da temporalidade e uma referência mais concreta na pessoa real:

Foi nesta relação de perdas e transformações, de precisões e imprecisões, constituindo histórias que, nesta pesquisa, as "inscrições objetivadas" (também dispersas pelo trabalho do tempo- muitas delas escritas - reunidas aqui neste texto e pelo trabalho de pesquisa) "competiram" tensamente com narrativas orais: ora

coincidiam, ora ampliavam o quadro contextual, ora faziam revelações ausentes nas narrativas orais. Mas também o inverso, isto as narrativas realizavam atos equivalentes em relação às tais "inscrições" (KOFES, 2001, p.22).

O enfoque em uma trajetória e nas revelações de várias relações postas ao objeto, fez-na ir frente a um itinerário de pesquisa e à trajetória de um sujeito pesquisado. A sua noção de trajetória permite deslocar-se do sujeito e situar acontecimentos biográficos em colocações e deslocamentos no espaço social, seja de um agente ou de grupo específico. Por fim, Kofes (2001) entende a noção de trajetória como um processo de configuração³ em uma experiência social singular.

Ao voltarmos para o nosso objeto, vemos que as professoras do curso de Ciência Sociais quase não são lembradas dentro do Departamento, sendo que isso fica mais evidente ao utilizar o primeiro pressuposto de Kofes, segundo o qual não narrar alguém é considerá-lo morto. Com a intenção de registrar as trajetórias das intelectuais em seus períodos de docência na UFS, utilizamos a ideia da biografia como uma etnografia das atas do Departamento e de entrevistas com as próprias professoras ou com terceiros, na busca dos elementos essenciais que marcaram as suas experiências, o que possibilita a construção da trajetória do sujeito esquecido. Portanto, utilizar a noção de trajetória de Kofes permite focar nos acontecimentos importantes e os deslocamentos no espaço social, em um processo de configuração de uma experiência social única.

Por fim, vale entender outra visão sobre a trajetória feminina a partir dos papéis que o ensino superior desenvolveu na inserção da mulher no mercado de trabalho ou no espaço intelectual. Com isso, utilizo o livro de Elisete Passos, *Palcos e Platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia* (1999), a qual analisa a trajetória da luta feminina na Bahia, observando a importância da fundação da Faculdade de Filosofia no processo de inserção da mulher na universidade.

A pergunta chave da pesquisa de Passos (1999), consiste em saber se a Faculdade, criada na década de 1940, com o objetivo de desenvolver a cultura e formar educadoras para o Ensino Médio, representava uma oportunidade de formação de uma nova identidade de gênero, que rompesse com o modelo patriarcal dominante. A sua hipótese era que sendo uma instituição de ensino superior, as alunas e alunos possuíam maior flexibilidade para lidar com os modelos que eram socialmente estabelecidos, com mulheres como donas de casas e os homens provedores. Para Passos, a Faculdade de Filosofia caracterizou-se como uma

³ O entendimento de configuração aqui é a utilização de todas as categorias que Suely Kofes expôs anteriormente.

oportunidade do sexo feminino continuar seus estudos na graduação, embora apenas nos cursos voltados à educação, visto que os cursos de maior prestígio eram voltados ao público masculino. Desta forma, a autora buscou entender de que forma a faculdade tratou essas mulheres na apreensão e construção da dicotomia, feminilidade e masculinidade.

Ao voltar para o objeto de pesquisa, não sabemos ao certo o que fez com que as nossas professoras em estudo, escolhessem o ensino superior, se foi por vontade própria, se pelo fato da profissão de educadora oferecer mais oportunidades no campo de trabalho ou outro fator adicional. Da mesma forma, compreender como esse espaço ocupado por elas, durante a graduação, serviu como ferramentas para chegar ao cargo de docente na UFS.

2.2 As Ciências Sociais no Brasil

No artigo *O lugar da Antropologia na formação docente: um olhar a partir das Escolas Normais* (2016), Amurabi Oliveira demonstra o papel que o ensino de antropologia nas Escolas Normais teve na sistematização do saber antropológico nas duas primeiras décadas do século XX:

Este panorama será reforçado com a criação, em 1914, do Gabinete de Psicologia e Antropologia Pedagógica da Escola Normal da Praça, em São Paulo, pelo médico-pedagogo Ugo Pizzoli, que se voltaria para a observação do homem com critérios naturalistas, marcadamente um laboratório que possuía como referência o positivismo italiano. (OLIVEIRA, A., 2016, p.32).

É possível observar o modo como as Ciências Sociais estiveram presentes antes mesmo de sua institucionalização no ensino superior. A atividade investigativa era feita por pessoas que não possuíam formação especializada e baseavam suas pesquisas, sem qualquer rigor teórico-metodológico. Assim, em que dado momento as Ciências Sociais começaram a ser considerada uma ciência no Brasil?

Renato Ortiz (2002) informa que para a sociologia ter a sua autonomia enquanto um campo acadêmico precisou diferenciar-se do seu passado pré-científico e estabelecer um novo parâmetro científico. É desse modo que o espaço de ensino superior surge como condição necessária para as Ciências Sociais se estabelecerem e se desenvolverem enquanto um campo autônomo “A universidade moderna rompe com essa circunstância e secreta as condições materiais para o desenvolvimento de uma autonomia científica definida agora por outros parâmetros.” (ORTIZ, 2002, p.178-179).

Quando Ortiz analisa o processo de institucionalização da sociologia dentro da FFLCH, entende que a diferenciação com o seu passado e o estabelecimento de um novo panorama científico se deram por meio dos primeiros sociólogos uspianos que se voltaram para a temática do folclore na década de 1940. O autor observa uma ruptura formal com esse passado ao se estabelecer a sociologia como ciência, ou seja, ao fundamentar e delimitar um campo nos moldes do rigor acadêmico (Ortiz, 2002).

No contexto da autonomia do campo das Ciências Sociais no Brasil, Sérgio Miceli (1989) demonstra que entre o período de 1930 e 1964 o seu desenvolvimento institucional e intelectual esteve ligado a dois fatores, o primeiro sendo o impulso gerado pela criação de universidades e o segundo sendo as concessões de recursos governamentais para a criação de centro de pesquisas não acadêmicos. Miceli afirma que a expansão e a reforma universitária condicionaram a construção de um espaço em que a pesquisa e a produção acadêmica ganham destaque, associado ao projeto político da ampla profissionalização, que proporcionou um elemento decisivo no processo da institucionalização das Ciências Sociais, com a possibilidade dos novos cientistas sociais atuarem em diversos setores da sociedade, especialmente no ensino secundário.

É com a década de 1930 que as primeiras experiências institucionais das Ciências Sociais ocorreram em instituições como a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) em 1933, FFLCH (1934) e na Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1935, ao qual foram locais onde a intelectualidades estavam concentradas, que constituíram o cenário do debate no fomento das universidades, como demonstrado por Maria Almeida (1989).

Na experiência paulista, são a FFLCH e a ELSP que marcam a formação intelectual das Ciências Sociais, sendo que cada uma tinha sua própria dinâmica e finalidades distintas. A FFLCH recebeu intelectuais estrangeiros da missão francesa para compor o primeiro quadro de docentes na formação do curso, visto que os representantes locais eram autodidatas e não possuíam uma tradição, como a missão francesa possuía:

Em São Paulo, a hierarquia acadêmica que vai se constituindo nas duas primeiras décadas de funcionamento foi sendo modelada por docentes estrangeiros treinados nas regras e costumes da competição acadêmica européia (e francesa, em particular), todos eles empenhados em instaurar um elenco de procedimentos, exigências e critérios acadêmicos de avaliação, titulação e promoção (MICELI, 1989, p.81).

A FFLCH tinha como objetivo formar cientistas sociais voltados para a docência no ensino secundário. Segundo Miceli (1989), o perfil daqueles que compuseram as primeiras turmas de Ciências Sociais era formado em sua grande maioria por mulheres e descendentes

de famílias imigrantes. Essa composição significava, para o autor, que o acesso ao ensino superior era uma forma de ascensão social para as camadas emergentes e uma alternativa para as mulheres se situarem no setor educacional, daquele tempo.

Isso difere de quando analisamos a ELSP, cuja origem antecede a FFLCH e tinha seu projeto de ensino pautado no empirismo e intervencionismo, com o objetivo de formar futuros sociólogos técnicos que iriam compor o quadro dos demais órgãos públicos. Essa caracterização que a ELSP propunha era necessária para a concessão de verbas por parte do governo estadual, como forma de se diferenciar da FFLCH no seu projeto pedagógico e ter recursos para continuar o seu funcionamento.

Foi com a chegada de Donald Pierson que a ELSP tomou um novo rumo e se tornou uma das primeiras a ter pós-graduação no campo das Ciências Sociais, abrindo mais espaços para um caráter acadêmico e não somente técnico. O objetivo impresso por Pierson na ELSP era formar profissionais capacitados em observar e analisar, de forma objetiva, as novas configurações da sociedade, principalmente com os estudos de comunidades no interior paulista. Esse empreendimento, segundo Mingoni (1989), possibilitou situar o sociólogo enquanto um profissional, bem como, definir os rumos profissionais para a primeira geração de cientistas sociais paulistas.

No Rio de Janeiro, a UDF foi fundada por Anísio Teixeira, Secretário Municipal da Educação na época, articulado com a Associação Brasileira de Ciências e Associação Brasileira de Educação e com um modelo semelhante ao uspiano, mas sem a participação da elite. A criação da UDF legitimou o campo das Ciências Sociais enquanto um instrumento da modernização social e institucional do país, cujo corpo docente era composto por professores nativos e estrangeiros, principalmente franceses contratados pelo primeiro reitor, Afonso Teixeira. Nomes como Arthur Ramos, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre, Lourenço Filho e Cândido Portinari integravam o corpo docente nativo, enquanto Emile Brehier, Eugene Albertin, Henri Hauser, Henri Tronchon, Gaston Leduc, Pierre Desfontaines e Robert Garric faziam parte do corpo docente estrangeiro.

Outros fatores que viabilizaram a consolidação das Ciências Sociais no Brasil foi a expansão das pós-graduações na década 1970 e a inserção do ensino de sociologia nas escolas secundárias. Para Ortiz (2002), o cenário das Ciências Sociais antes de 1964 se restringia a certas regiões onde a produção acadêmica era forte. Miceli (1995) informa que entre os anos de 1970 e 1987 foram instaurados programas de mestrado e doutorado nas Ciências Humanas,

os quais representavam 25,5% dos mestrados e 27,5% do doutorado, quando se soma todos os programas de pós-graduação no Brasil. Sendo que esse expressivo aumento foi feito com a finalidade de capacitação profissionalmente e reproduzir novas elites intelectuais.

Esse movimento não é algo isolado e sim uma continuidade dos esforços anteriores na consolidação do ensino superior no país. Ademais, é nesse contexto que o reconhecimento da profissão do sociólogo teve êxito, no ano de 1980, por meio da Lei 6.888, e sua regulamentação pelo Decreto 89.531 em 1984.

Já na área do ensino secundário, de acordo com Joviano Neto (2016), o objetivo do ensino de Sociologia é contribuir para a capacitação da juventude para exercer a sua cidadania. Vemos que a sua presença no ensino educacional remete às Escolas Normais com o foco na Sociologia da Educação, a exemplo das escolas do Distrito Federal e do Recife. A reforma educacional de 1971, implementada pelo Ministro da Educação Jarbas Passarinho, extinguiu o ensino de sociologia dos cursos normais, transformando todo o ensino médio em profissionalizante, principalmente na educação pública.

A década de 1980 foi palco da luta pela reintrodução da sociologia no ensino secundário, protagonizada pelas associações de sociólogos do Brasil. Segundo Neto (2016), as disputas internas de cada estado brasileiro permitiram a reintrodução da disciplina nos currículos escolares. Foi em 1986 que o Conselho Federal de Educação fez a recomendação de inclusão do ensino de Filosofia como parte grade curricular, mas deixando a sociologia à margem ao permanecer na parte diversificada, que seria disciplinas de cunho sociais como Ética e Cidadania. Em 1997, o Projeto de Lei 3178-B tornaria o ensino de sociologia obrigatório, o qual foi aprovado em 2001 pelo Congresso e vetada no mesmo ano pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, sob a justificativa de que geraria um aumento de despesas aos cofres públicos dos governos estaduais e municipais, o que ocasionaria na insuficiência de professores, em virtude da demanda de outros professores nas demais áreas, como português e matemática. Mas o argumento foi derrubado, como demonstrado por Neto (2016), visto que vários Estados brasileiros já possuíam o ensino de sociologia em sua grade curricular na época, que não resultava na insuficiência de professores. Por fim, só foi no governo do Presidente Lula, que o ensino de sociologia foi implantado no ensino secundário como disciplina obrigatória, pela Resolução 4/2006 do Conselho Federal de Educação.

Portanto, vemos como o campo das Ciências Sociais no Brasil envolveu uma série de fatores e articulações que favorecessem a sua institucionalização, na sua legitimação enquanto

uma ciência. Foi por meio da formação do ensino superior, da expansão dos programas de pós-graduação e da inserção da sociologia no ensino secundário que se deu a consolidação desse campo disciplinar no Brasil.

3. CAPÍTULO 2 — As Ciências Sociais: a formação de um campo em Sergipe

O objetivo deste capítulo consiste na documentação acerca da formação e consolidação do campo das Ciências Sociais em Sergipe, ao apresentar os condicionamentos e o contexto que favoreceram o surgimento desse campo no Estado, de forma mais linear possível.

Antes da institucionalização, o campo em si precede a fundação da UFS e a própria Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI), onde eram ofertadas disciplinas de sociologia e antropologia como disciplinas isoladas nos cursos de Geografia, História e de Serviço Social. A origem do curso, portanto, remonta aos estudos de cunho antropológicos demonstrados por Jackson da Silva Lima em *Estudos Antropológicos, Etnológicos e Folclóricos em Sergipe* (1984), coletânea que reúne os trabalhos produzidos entre a metade do século XIX até a segunda metade do século XX.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico extenso sobre a história das Ciências Sociais em Sergipe, desde os pioneiros até a inserção das Ciências Sociais no ensino Superior. Utilizei de pesquisa documental para a obtenção de dados mais precisos sobre condicionantes na formação do curso de Ciências Sociais, como resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONEPE), atas departamentais do DCS e arquivos do PPGS. Por fim, utilizei as entrevistas que foram realizadas ao longo de 2024, com as professoras Joelina Menezes e Neilza de Oliveira, as alunas da primeira turma de 1991 e ex-alunas do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS), Edvania Caetano e Najó Glória.

É importante ressaltar que ao longo de um ano de pesquisa, houve grande dificuldades na coleta dos dados, em decorrência do grande vazio de informações sobre o campo das Ciências Sociais em Sergipe, o que particularmente já é um dado a ser frisado. Além disso, as principais figuras que fizeram parte da formação e consolidação do curso, em sua maioria são idosas que, pela idade avançada, não têm a disponibilidade de receber mais visitas. Algumas já não se encontram entre nós e outras não foram localizadas. Restou, assim, utilizar o pouco que foi conseguido, ciente das lacunas que só poderão ser preenchidas em pesquisas futuras. Contudo, este trabalho já é caminho rumo à recuperação da memória do curso.

Em 1984, Jackson Lima publica a obra *Estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe*, no qual fez um levantamento prévio da produção intelectual sergipana. Um dos pontos chaves é a demarcação temporal dos estudos antropológicos e etnológicos, os

quais se dividem em dois marcos. O primeiro é a fase inicial de 1888 a 1940, no qual é atribuído como a formação do campo antropológico em Sergipe, por meio de nomes como os de Felisberto Freire, Oliveira Teles, Prado Sampaio e Gonçalo Rollemberg; e o segundo é a fase autônoma de 1941 a 1983, período em que a antropologia alcança as instituições de ensino superior, através de nomes como os de Felte Bezerra, Nunes Mendonça, Josefina Leite Campos, Beatriz Dantas, Núbia Marques e Luiz Mott.

Essa demarcação, é uma das primeiras tentativas de olhar as Ciências Sociais sergipana, cujo pioneirismo é atribuído às obras daqueles intelectuais e aos estudos que eles realizaram sobre populações e suas origens étnicas-raciais; a religiosidade e festas populares, a cultura popular, etnologia e o folclore. Lima (1984) demonstra como o campo da antropologia deixou de ser algo voltado apenas para um aspecto reflexivo, e se torna uma produção realizada nos moldes acadêmicos, onde se destaca a imagem pioneira de Felte Bezerra.

Afonso Nascimento no caderno de apresentação da Revista TOMO (1998), faz a periodização das Ciências Sociais locais, as quais dividiu também em duas fases, sendo a primeira aquela na qual as Ciências Sociais estiverem fora da academia, associada ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), e a segunda com a sua inserção no ensino superior, inicialmente pela FAFI e depois na UFS. Mas, diante dessas demarcações temporais, como aconteceu o processo de desenvolvimento institucional das Ciências Sociais em Sergipe?

3.1 A atuação dos pioneiros na construção de um campo

Para alguns autores, entre os pioneiros das Ciências Sociais em Sergipe, o nome de Florentino Menezes é o primeiro a ser citado para o campo da sociologia; Felte Bezerra na Antropologia e; Bonifácio Forte na Ciência Política. Sendo os primeiros a compor o espaço da produção do ensino nessas áreas, na periferia do conhecimento acadêmico no Brasil, os três autores se caracterizam enquanto intelectuais autônomos e autodidatas, motivados pelo prazer da pesquisa nas áreas a que pertenciam e cujas condições de trabalho não lhes eram favoráveis como informa Adriana Silva:

Sem escolas para garantir a formação acadêmica na área e sem órgãos que prestigiassem a pesquisa nas Ciências Sociais, fazia ciência por amor e dedicação, como acontecia com a maioria dos pesquisadores que se aventuravam por esse caminho. (1998, p.71).

É com Florentino Menezes que o processo de institucionalização das Ciências Sociais começou, mais especificamente com a introdução do ensino de sociologia no Atheneu Sergipense em 1926, quando defendeu a sua tese para o concurso de professor em sociologia naquela instituição. Foi em 1931, segundo Tânia Magno Silva (2007), que ele publicou o *Tratado de Sociologia* como material didático, visto que havia uma dificuldade por parte dos alunos na compreensão do saber sociológico. É nesse contexto do ensino que Florentino se firma enquanto sociólogo da primeira fase das Ciências Sociais. Segundo Adriana Silva (1998), Florentino Menezes fazia uso dos seus conhecimentos para pensar sociologicamente a realidade sergipana, logo, sendo também o responsável pela divulgação de duas importantes obras:

[...] Desenvolvimento intelectual dos povos (1916); O processo de seleção social (s/d); Tratado de Sociologia (1931); Estudo de Sociologia: o processo de seleção nas sociedades (1926); Influência dos fatores geográficos na formação da sociedade brasileira (1916); Influência do clima nas civilizações (1926); Classificação das sociedades: estudo de Sociologia (1931); A ilusão comunista e a realidade soviética (1934); Grandeza Decadência e Renovação da Vida (1952); A Velhice (1959). (Silva, T., 2007, p.161-162).

Após a saída de Florentino Menezes do Atheneu Sergipense em 1940, por motivos de saúde, o ensino de sociologia deixou de ser continuado, visto que Florentino “não deixou discípulos (Machado, 1998, p.20)”. A figura de Florentino foi relevante no espaço intelectual sergipano no início do século XX ao contribuir com a fundação do IHGSE, em 1912, na sua participação no Centro Socialista Sergipano e no Centro Pedagógico Sergipano. Ele não só deixa de ser lembrado, como o ensino de sociologia somente retornaria com a criação da FAFI em 1951, quando as Ciências Sociais ganham um novo espaço para se desenvolver.

A fundação da FAFI tinha por objetivo formar professores para o ensino secundário e normal. Sua criação tem como idealizador o Padre Luciano Duarte, que utilizou da sua rede de sociabilidades para legitimar a nova faculdade na sociedade sergipana, inclusive publicando no Jornal *A Cruzada*. A FAFI começou a funcionar no prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que era uma instituição de ensino dirigida pela Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento, voltada à educação cristã feminina, que na época era localizado na Rua João Pessoa. O fato do Padre Luciano Duarte ser do mesmo meio religioso que as freiras, permitiu a concessão do para o funcionamento da FAFI, mas somente das 18h até 22h, já que pela manhã e à tarde funcionava o colégio. A Faculdade inicialmente contava com a colaboração de intelectuais e grupos de professores renomados no campo educacional sergipano, com os quais o Padre Luciano possuía estreitas relações:

Os primeiros docentes da instituição se desdobravam para lecionar nos diferentes cursos e disciplinas da faculdade. Eram intelectuais que circulavam nos diferentes espaços da sociedade sergipana, alguns membros da Academia Sergipana de Letras e/ou do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e seus nomes figuravam constantemente em artigos publicados na imprensa local [...] (OLIVEIRA, J., 2011, p.37).

No geral, os nossos mestres não tinham tido formação específica na área de sua docência. Eram autodidatas que, de conformidade com o interesse, capacidade e disponibilidade de cada um, acumularam um conhecimento que repassavam para seus alunos, e alguns deles, à custa de muito estudo, faziam-no com muito preparo e competência (DANTAS, B., 2006, p.13).

Sendo a única instituição de ensino superior voltada à formação de professores, a FAFI acolhia diversos alunos nos cursos de História, Geografia, Didática, Letras Anglo-Germânicas e Letras Neo-Latinas, tendo ainda os cursos de Matemática e Filosofia funcionado até o ano de 1957. A Faculdade concentrava em sua maioria o público feminino, o que ocasionou um escândalo enorme na sociedade daquela época, conforme João Oliveira (2011), visto que as aulas funcionam a noite e muitas alunas retornavam sozinha para suas casas. Logo, a construção de uma sede era essencial para resolver o problema referente ao horário de funcionamento da instituição.

Em 1959 foi fundada a própria sede da Faculdade, situada na rua de Campos, nº 177, bairro São José, onde as aulas passaram a acontecer de manhã. Na sequência foi instaurado o ginásio de aplicação, em 1960, que servia como laboratório para o ensino de docência para os alunos da FAFI. João Oliveira (2011) informa que a construção daquela sede possibilitou uma maior visibilidade no cenário aracajuano, tendo a figura do Padre Luciano Duarte contribuído sobremaneira para o seu funcionamento, graças aos repasses financeiros pelo estado, município e doações privadas através de sua rede de sociabilidade. Portanto, a FAFI nos seus 17 anos de funcionamento se consolidou na memória de muitos como o marco inicial na formação de docentes e pesquisadores da área de humanidades.

As Faculdades de Filosofia no Brasil eram organizadas, segundo Nayara Oliveira (2011), em 4 áreas do conhecimento (Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia) e a área especial de Didática, que juntas ofertavam 11 cursos superiores, no qual as Ciências Sociais estavam incluídas. Contudo, a autora informa que muitos cursos não eram implementados devido a falta de verbas, a carência de alunos e as orientações do Governo Federal. Em Sergipe, João Oliveira (2011) demonstra que a FAFI estava organizada no mesmo modelo, possuindo somente 5 cursos (História e Geografia, Didática, Letras Anglo-Germânicas e Letras Neo-Latinas), em virtude da falta de verbas, professores e demanda para os demais cursos. As Ciências Sociais estavam inseridas como disciplinas para os cursos de História e

Geografia, com Felte Bezerra assumindo as disciplinas de Etnologia e Etnografia do Brasil. Em seguida a sua ex-aluna Josefina Leite Campos assumiu tais disciplinas. Manoel Machado assumiu a Sociologia da Educação.

É com Felte Bezerra que a Antropologia em Sergipe inaugura a fase autônoma (Lima, 1984). Segundo Beatriz Dantas (1998), com o surgimento das Faculdades de Filosofia a Antropologia passa a integrar um ensino regular nos cursos de graduação. Em Sergipe, Felte ajudou a fundar a FAFI e assumiu as disciplinas de Etnologia e Etnografia do Brasil, em vez que possuía um trabalho sólido e reconhecido que o legitimava enquanto antropólogo, mesmo que a sua formação original fosse em odontologia. Beatriz informa que uma das hipóteses sobre a criação da obra *Etnias Sergipanas* de 1950, por Felte Bezerra, foi a forma de habilitá-lo na área da antropologia e também um passe para entrar na Academia Sergipana de Letras em 1951.

A inserção de Felte na Antropologia se deu através do seu antigo professor Arthur Ramos, na Faculdade de Medicina na Bahia, que foi também sua fonte de inspiração, principalmente quando da publicação do livro *Introdução à Antropologia Brasileira* (Ramos, 1947), ao destacar a necessidade dos estudos antropológicos regionais (Dos Santos, 2020). Beatriz Dantas (1998) também informa que foi como professor de geografia no Atheneu Sergipense, que Felte Bezerra se aventurou nos estudos sobre a dimensão cultural do homem, visto que não existia uma fronteira delimitada entre as áreas, razão pela qual a geografia muito se utilizava da antropologia nos estudos do meio social. É nessa condição que ele busca estudar a realidade sergipana em seu viés histórico, geográfico, folclórico e antropológico, publicando o resultado das suas produções na revista do IHGSE e de Aracaju. Felte também ganhou notoriedade nacional com publicações na *Revista de Sociologia* vinculada à ELSP, além de um verbete sobre o Lambe Sujo, que integrou o Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo.

Com a saída de Felte Bezerra da FAFI em 1959, a sua ex-aluna Josefina Leite Campos assume o cargo deixado pelo antigo mestre nas disciplinas de Etnologia e Etnografia do Brasil. A prática de contratar antigos alunos da FAFI era comum, em virtude da dificuldade financeira e da falta de professores, o que contribuiu para que muitos comessem a carreira de docência já no ensino superior. Mas vale ressaltar que a contratação variava de acordo com requisitos como destaque no desempenho das atividades curriculares da graduação ou pela rede de sociabilidades (Oliveira, J., 2011). Assim, Josefina ao entrar na instituição se destaca pelos seus estudos das relações étnicas-raciais, além de ser uma das primeiras mulheres no

campo da antropologia em Sergipe, sendo reconhecida pela sua obra *Estudo sobre a significação das diferenças raciais* (1961), publicada na Revista da FAFI, no qual traça um panorama histórico do racismo no Brasil. Ademais, foi uma das primeiras professoras a se destacar no ensino da antropologia aplicada em sala de aula, utilizando como objeto de estudo, os cultos das religiões afro-brasileira:

Suas aulas nos centros de culto afro-brasileiro eram um desafio aos preconceitos dos alunos e, sobretudo, dos pais dos alunos que viam com desconfiança essas visitas feitas aos terreiros ainda muito estigmatizados. Desafiando-os, levou grupos de xangô para se apresentarem na Faculdade Católica de Filosofia. Reuniu depoimentos e dados etnográficos sobre antigos centros de culto afro-sergipanos, que não chegou a publicar (DANTAS, B., 2006, p.16).

Para Afonso Nascimento (1998), Manoel Machado foi um dos pioneiros no ensino de Sociologia no ensino superior, o qual também atuou na FAFI e, posteriormente, no Departamento de Psicologia e Sociologia da UFS. Porém esse professor não alcançou a fundação do curso de Ciências Sociais. Sendo professor dessa disciplina, seu conhecimento sociológico imprimia um caráter mais teórico do que prático, visto que não havia uma preocupação com o trabalho de campo. João Oliveira (2011) mostrou que Manoel Machado ensinava Sociologia da Educação no curso de História e Geografia na FAFI.

O programa da disciplina era dividido em seis unidades, as quais, conforme João Oliveira (2011), manteve-se entre os anos de 1954 e 1962, com a seguinte estrutura: Sociologia e as Ciências Sociais; educação como um fenômeno Social, funções sociais da escola; instituições sociais e a educação; organização social da escola; problemas sociais pedagógicos e sistemas sociológicos de educação. O início da disciplina era de caráter mais geral abordando a constituição da sociologia enquanto ciência; o seu objeto de estudo; suas divisões e as escolas; conceituação, estrutura e função do fato social; a metodologia das Ciências Sociais. Depois entrava no campo mais especializado da sociologia da educação com a sua conceituação e o objeto; a educação e a escola como um processo sociológico, a função da escola na sociedade; a relação dela com os demais atores sociais.

Já o campo da Ciência Política não era tão expressivo como as outras áreas das Ciências Sociais. Para Ibarê Dantas (1998) é Bonifácio Fortes o pioneiro nessa área em Sergipe, o qual foi professor na Escola Normal Rui Barbosa, onde ensinou História Geral e História do Brasil. Fortes foi Promotor Público Substituto em Neópolis (SE) e Diretor do Serviço Pessoal do Estado. Tendo consolidado o seu nome no campo intelectual sergipano, foi convidado a ser professor da disciplina Geografia Humana na FAFI, em 1954, onde também começou a ensinar Noções de Direito e Direito do Menor na Escola de Serviço Social. Mais

tarde, em 1957, tornou-se professor de Direito Constitucional e Direito Administrativo na Faculdade de Direito. As suas produções acadêmicas se destacam como reflexo, não só da sua trajetória, como do olhar voltado para o campo político sergipano, com temas sobre direito do trabalho, direito Constitucional, história político-administrativa e Sociologia Eleitoral. Mesmo não lecionando na área da Ciência Política, Bonifácio se consolida como o primeiro cientista político:

Bonifácio Fortes foi o primeiro que, residindo em Sergipe, analisou em mais larga escala e dedicou-se mais sistematicamente às questões correlacionadas com o poder político, o sistema representativo e o Estado ao nível local, sem perder de vista a temática nacional. Suas contribuições sobre pleitos eleitorais de 1933 a 1967, representação política e governos locais, bem como sistema de governo, organização jurídica e administrativa do Estado, poder judiciário, compõem um acervo dentro do objeto da política que o credencia como o mais expressivo até então desenvolvido (DANTAS, I., 1998, p.54).

Vemos de forma breve que esses intelectuais foram os primeiros a desenvolver as Ciências Sociais em Sergipe, seja associando-se ao ensino de Antropologia ou Sociologia, seja com suas produções e divulgações em revistas científicas regionais e nacionais. São esses intelectuais que com seu autodidatismo possibilitaram a formação do campo das Ciências Sociais em Sergipe. A partir da sua paixão pela pesquisa conseguiram acumular um vasto saber em diversos campos, mesmo que esse conhecimento estivesse associado a outras áreas de conhecimento que foram transmitidas aos seus alunos, a exemplo do que observamos com o ensino de Antropologia. A atuação desses pioneiros pavimentou o desenvolvimento das Ciências Sociais ao longo dos anos, e possibilitou o surgimento do curso de ciências sociais na UFS.

3.2 O processo de institucionalização na UFS

O fim da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, no fim da década de 1960 e a criação da UFS em 1968, possibilitou melhores condições para o desenvolvimento das Ciências Sociais em Sergipe. No âmbito da UFS foi criado o Departamento de Psicologia e Sociologia, no qual o ensino das Ciências Sociais era oferecido para os diversos cursos em funcionamento, como Introdução às Ciências Sociais; Antropologia I; Política I; Sociologia I e II; Sociologia das Organizações. Em 1990 verifica-se o desmembramento do Departamento de Psicologia e Sociologia, que foi repartido em dois departamentos, o de Ciências Sociais e o de Psicologia. O conjunto de professores na área das Ciências Sociais era formado por não graduados na área das Ciências Sociais, mas que possuíam especialização em um dos três campos disciplinares das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciência Política).

Antes da criação do Curso em 1991, ainda em 1987, foi fundado NPPCS (Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), quando as Ciências Sociais ganham um novo contorno científico não mais associado às outras áreas ou instituições. O Curso de Especialização em Ciências Sociais, com área de Concentração: Estado e Sociedade no Nordeste (*Latu-Senso*), começou funcionamento junto ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, embora a maioria dos professores guardassem vínculo institucional com o Departamento de Psicologia e Sociologia. O corpo docente era composto por professores oriundos da Economia, Serviço Social, Direito, Administração e poucos na área de humanidades e de Ciências Sociais (cinco professores ao todo). Segundo Tânia Silva (2007), essa configuração ocorreu pela falta de professores com formação *stricto sensu* em Ciências Sociais.

O curso de Especialização surge quando Joelina Menezes ao observar a grande demanda pela disciplina de sociologia nos demais cursos da UFS, achou necessário iniciar o debate sobre a formação de um curso de Ciências Sociais, para que outros pudessem dar continuidade no campo disciplinar, algo semelhante com o que se verificou na FAFI quando da contratação de ex-estudantes para assumir as funções de docentes na instituição, além de se preocupar com a formação de profissionais que contribuíssem com o olhar sociológico para as problemáticas do Estado de Sergipe:

Nós dizíamos o seguinte, olha, eu acho que já é a hora de pensar em um curso de ciência social, porque você veja a demanda, tá entendendo? E a gente precisa ter continuadores, pessoas que continuem esse trabalho, pessoas que continuem a pensar o Estado, né? E pensar as problemáticas sociais do Estado, as pesquisas que não são desenvolvidas. A gente tem que motivar o grupo e alguns, em vez de procurarem trabalhar. Tantas questões que estão aí, o Estado passa batido com a visão apenas muito economista, aliás. Então, nessas discussões formamos uma comissão. (MENEZES, 2024)

Assim, é formada a comissão com a participação de alguns nomes famosos no campo intelectual sergipano: Beatriz Dantas, Ibarê Dantas, Luiz Alberto e a própria Joelina Menezes, cujo objetivo era elaborar uma proposta de especialização, ao invés dos próprios departamentos e do curso de graduação. Deste modo, o objetivo de formar um curso de especialização vem da necessidade de construir um espaço para a capacitação de profissionais que estariam contribuindo com o trabalho técnico nas instituições e a formação de uma massa crítica que pudesse voltar-se para questões sociológicas, políticas e antropológicas no Estado:

Aí, gente, eu acho que o melhor é pensar nos minutos de especialização, antes da criação do Instituto, porque nós vamos formar profissionais que vão estar voltados para pensar as questões sociais no Estado, que de certa forma eles podem através das pesquisas estar difundindo. Trabalhos na área e pesquisando, ou seja,

você começa a despertar profissionais para trabalharem e pesquisarem nesta área, na área das ciências sociais (MENEZES, 2024).

Somente com a formação de um campo intelectual e profissional das Ciências Sociais, advinda com o curso de especialização, justificar-se-ia a criação de cursos de Ciências Sociais, não só na Universidade, mas também fora dela. É interessante notar que a experiência paulista vista antes, tinham uma justificativa não só intelectual como social, a exemplo da ELSP e a formação de sociólogos técnicos para atuarem em instituições públicas de pesquisa, e da USP com a formação de professores sociólogos para o ensino secundário. Com esse objetivo posto, viu-se a questão de como seria a condução do curso, uma vez que seria necessário a presença de profissionais especializados, inclusive com doutorado, algo escasso no meio acadêmico sergipano naquele período, motivo pelo qual muitos professores precisaram sair para fazer pós-graduação em outros estados.

Essa foi a primeira dificuldade, pois a condição para fundar um curso era possuir um quadro de profissionais. Era com a rede de contato que a professora Joelina Menezes possuía, ao fazer o curso de especialização em Ciências Sociais na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que viabilizou a parceria com esses professores para iriam poderem administrar as disciplinas no curso⁴.

O curso de especialização tinha duração de dois anos e suas disciplinas abordavam assuntos das ciências sociais e outras áreas correlacionadas, voltados à reflexão sobre o estado e a sociedade, bem como a defesa do trabalho de conclusão de curso. Tinha como objetivo a formação técnica para intervenção social, principalmente no contexto pós-ditadura. Com o acesso ao histórico escolar entre os anos de 1987 e 1990, foi possível obter quais disciplinas eram ensinadas e quais professores ministravam-nas, conforme os quadros a seguir.

Quadro I- Panorama das disciplinas do Curso de Especialização em Ciências Sociais - Área de Concentração: Estado e Sociedade no Nordeste (<i>Latu-Senso</i>)	
Disciplinas	Professores
Teoria do Estado	Mr. José Ibarê Costa Dantas (1987-1989)

⁴ Outro ponto que assegurou as condições para a instalação do curso futuramente, segundo Joelina, foi a publicação da primeira revista de Ciências Sociais em Sergipe, TOMO, no qual favoreceu a construção de um campo que pudesse ser divulgado as pesquisas nas Ciências Sociais, contudo não possuímos mais informações referente ao papel da TOMO na criação do curso de graduação ou sobre o campo em si, apenas uma breve citação que foi dita no momento da entrevista.

Movimentos Sociais	Mr. Maria Luiza de Souza (1988-1990)
O Estado no Brasil	Mr. José Ibarê Costa Dantas (1989)
Ideologia, Sociedade e Comunicação	Dr. Ponciano Menezes (1989)
Estudos de Problemas Brasileiros	Mr. Maria Tereza Souza Cruz (1988)
Seminário de Temas Brasileiros	Mr. Maria Helena Santana Cruz (1989-1990) Dr. Ponciano Menezes (1989)
Laboratório de Ensino	Mr. Ada Augusta Celestino Bezerra (1989) Dra. Gizelda Santana Moraes (1989) Mr. Maria Ivanda Bezerra Sant'Anna (1989) Dra. Vânia Fonseca (1990)
Teoria Antropológica	Mr. Luiz Alberto dos Santos (1988-91) Mr. Beatriz Góis Dantas (1988-1989)
Teoria Sociológica	Mr. Joelina Souza Menezes (1988-1990) Mr. Tânia Elias Magno da Silva (1990)
Técnicas de Pesquisa	Mr. Maria Helena Santana Cruz (1988-1990)
Desenvolvimento Capitalista no Brasil	Mr. César Ricardo Siqueira Bolaño (1987) Mr. Ricardo Oliveira Lacerda de Melo (1989)
Tópicos Especiais de Economia I	Ms. Heiko Freitag (1988)
Tópicos Especiais de Economia II	Ms. Heiko Freitag (1988)
O Nordeste na Economia Brasileira	Mr. Ricardo Oliveira Lacerda de Melo (1988)
Economia Política	Ms. Heiko Freitag (1987-1989)

Fonte: Arquivos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

Depois disso, muitos dos discentes acabaram se tornando eles próprios, professores universitários na própria UFS, conforme nos informa Edvania Caetano, ex-aluna do curso e ex-servidora da UFS:

Tinha alguns que hoje são professores da universidade, que foram meus colegas nessa especialização, como por exemplo, Antônio Carlos que é professor de filosofia, Antônio Lindalvo que é da história e Maria da Conceição que é de serviço social, já aposentada. Como você tá percebendo aí, muitas dessas pessoas evoluíram academicamente, fizeram mestrado e doutorado, se tornaram professores da universidade (CAETANO, 2024).

De acordo com Najó Glória, servidora da UFS e ex-aluna da especialização, o curso disponibiliza para os discentes bolsas fornecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo valor era destinado ao NPPCS e compartilhados entre um determinado número de alunos. Na condição de também secretária do Núcleo, Najó informa que em 1994 o curso estava ameaçado de fechar, visto que não havia condições materiais para seu funcionamento. Faltava computadores, laboratórios e bolsas. Ele só

continuou a funcionar pela determinação dos professores, empenhados na construção de um campo intelectual e profissional em Sergipe. Entre o período de 1990 e 1995, foram defendidas 19 monografias de especialização, com temáticas diversas, reflexos da composição dos docentes oriundos de várias áreas (Silva, 2007).

Já nos anos de 1990 o curso de especialização foi transformado em Curso de Mestrado em Ciências Sociais, cuja Norma Complementar N° 01/93 estabelecia os critérios para o reingresso e adaptação dos ex e atuais alunos no curso recém-criado, conforme o seu Artigo I “Os ex alunos do Núcleo, portadores do Certificado de Especialização poderão requerer o seu reingresso para matrícula e complementação de estudos a nível de Mestrado (NPPCS, 1993)”. Entretanto vale ressaltar que a CAPES não reconheceu imediatamente o curso de mestrado cujo Regimento (1994), no capítulo I propunha os seguintes objetivos e constituição:

Art. 1º - Além dos objetivos gerais definidos para o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe, o Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS) tem como objetivos específicos:

I. oferecer cursos de Especialização, Aperfeiçoamento e Mestrado na área de Ciências Sociais, observadas as necessidades da comunidade sergipana e em consonância com a filosofia e possibilidades de trabalho de seus docentes;

II. desenvolver pesquisas na área de Ciências Sociais, tanto ligadas às atividades regulares do curso quanto às atividades individuais ou de grupos de docentes e discentes, visando ao conhecimento da realidade do Estado e da Sociedade;

III. promover atividades, tais como seminários, encontros, simpósios ou mesas redondas, abertas ao público em geral e destinadas a divulgar resultados de pesquisa, discutir problemas do Estado e da Sociedade e outras de interesse da área;

IV. estabelecer intercâmbio com diversas entidades de Sergipe, do Brasil e do exterior no sentido de aprofundar o fluxo de idéias e conhecimento sobre o avanço das Ciências Sociais e de realizar pesquisas e prestar serviços.

Art. 2º - o Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS) é constituído pelos docentes credenciados, pesquisadores que desenvolvem atividades junto ao Núcleo e discentes regularmente matriculados (Regimento do NPPCS, 1994).

O reconhecimento foi obtido somente em 2002, após uma avaliação pela CAPES e depois da reestruturação interna que transformou o Mestrado em Ciências Sociais em Mestrado em Sociologia, com o ajustamento de sua proposta, linhas de pesquisas e o quadro de seus docentes. Segundo Tânia Silva (2007), entre 1996 e 2000 foram defendidas 14 dissertações, com as mesmas características de temas ecléticos; em 2003 foram defendidas 19 dissertações; já em 2005, na primeira turma do mestrado em sociologia foram defendidas 8 dissertações. Em 2008 verifica-se a criação do curso de Doutorado em Sociologia, reconhecido em 2009 e, igualmente, em 2009 surge o Programa de Pós-Graduação em

Antropologia Social na UFS. Tanto o programa em Antropologia como o de Sociologia são os únicos programas voltados em suas respectivas áreas em Sergipe.

A criação do Núcleo garantiu a constituição de um corpo intelectual e profissional que dialogava com as Ciências Sociais, como era a visão de Joelina Menezes ao propor a criação do Curso de Especialização. Também ocasionou a delimitação das Ciências Sociais enquanto uma ciência autônoma em Sergipe, afastando-se de seu passado associado com outras áreas e instituições como o IHGSE.

O curso de Ciências Sociais foi criado no mesmo ano de 1990, através da Resolução nº 19/1990/CONEPE, mas o seu funcionamento só teve início efetivamente com a entrada dos 15 (treze) aluno(a)s no ano de 1991. No primeiro ano de funcionamento houve uma segunda entrada no período par, para cumprir o disposto no Art. 3º, segundo o qual, o Curso de Ciências Sociais ofertou 30 vagas anuais, dividida em 15 vagas semestrais, pelo Concurso Vestibular. Na época, o departamento contava com 17 docentes divididos em 10 de sociologia, 5 de antropologia e 2 de política, sendo que 16 eram mestres e especialistas e 1 pós-doutor, também previa o aumento do corpo docente com a contratação de 13 professores ao longo dos anos, especialmente o setor de política, que contaria com a contratação de 6 docentes (DCS, 1990). Todavia, Tânia Silva (2007) informou que ao longo dos 10 primeiros anos o quadro de professores foi reduzido, a ponto de em 2005 ter somente 13 docentes, com a seguinte titulação — 1 pós-doutor, 6 doutores, 3 doutorandos e 3 mestres.

Após seis anos de funcionamento, foi em 18 de março de 1997 que o curso passa a ser reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) por meio da Portaria Nº 428, sendo que em 2000, a Resolução Nº 05/2000/CONEP, da UFS aprova a substituição do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Curso de Graduação em Ciências Sociais e mantém a divisão das habilitações entre Bacharelado e Licenciatura, atendendo a Lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Em vista disso, em 2004 haviam 126 alunos formados, sendo 85 bacharéis, 22 bacharéis e licenciados, e 41 licenciados (Silva, 2007).

Nesse contexto, o número de acesso ao curso foi ampliado para 45 (quarenta e cinco) vagas anuais, que futuramente, foi ampliado para 50 (cinquenta) vagas, por determinação da Portaria nº 421 da Secretaria de Regulação e Supervisão de Educação Superior (SERES) que renova o reconhecimento do Curso de Ciências Sociais em 2011 e mantido na Renovação de Reconhecimento de Cursos feito através da Portaria 796/2016. Em conformidade, a Resolução 24/2000/CONEPE, de 05 de setembro de 2000, que aprimora a anterior e, seguindo

a sugestão de correção feita pela Departamento de Apoio Pedagógico (DEAPE), acrescenta a possibilidade de “continuidade de estudos” ao(à)s discentes, “após a conclusão de qualquer das duas habilitações”, em que o(a) aluno(a) solicite no prazo estabelecido pelo Departamento de Assuntos Acadêmicos (DAA), em período específico do calendário acadêmico da UFS.

Atualmente, em 2023 com a reforma do PPC pela resolução N° 22/2023/CONEPE, o curso tem como objetivo oferecer uma formação nos campos da Antropologia, Sociologia e Ciência Política, em que habilite o(a) discente a proceder profissionalmente através do emprego adequado de ferramentas analíticas próprias do curso, segundo o Art. 2º de mesma resolução. Na qual o Art. 5º da resolução referenciada antes, diz que o Curso de Graduação em Ciências Sociais será de ingresso anual, na modalidade Bacharelado, com 50 (cinquenta) vagas ofertada, enquanto, a Licenciatura só terá ingresso por continuidade de estudos, aos concluíram o Bacharelado em Ciências Sociais, nos termos do Art.241 da Resolução nº 14/2015/CONEPE, ou para portador de diploma do Bacharelado em Ciências Sociais, nos termos do Art.226 da Resolução nº 14/2015/CONEPE, sendo reservadas 10 (dez) vagas totais, de acordo com o Art. 7º. da resolução N° 22/2023/CONEPE.

3.3 As experiências dos primeiros anos do Curso de Ciências Sociais na UFS

Neste subtópico, abordarei as experiências dos primeiros anos do curso de Ciências Sociais, o qual funcionava apenas como bacharelado, utilizando como base as memórias de três alunas da primeira turma — Clarissa Andrade Carvalho, Adriana Elias Magno da Silva e Inaê Elias Magno da Silva⁵ — junto ao registro nas atas dos anos de 1990 a 1995, especialmente o ano de 1990 em que ocorreu as articulações dos professores em promover a existência do curso em meio acadêmico e sociedade.

Inicialmente, a constituição do Departamento e do curso se situam em um contexto no qual não havia condições favoráveis para o funcionamento das universidades federais, com as reduções das verbas destinadas às universidades, que ocasionou grandes dificuldades na manutenção de vários cursos, inclusive o de Ciências, como informa Clarissa Carvalho e Inaê Silva:

⁵ Inaê Silva e Adriana Silva foram as primeiras graduadas do curso de Ciências Sociais no tempo regular de quatro anos, em 1994. Adriana Silva é Mestra e Doutora em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela PUC/SP, já Inaê é Mestra e Doutora em Sociologia pela UnB. Houve mais duas pessoas da primeira turma que se formaram, mas não foi no tempo regular de quatro anos, ademais, Clarissa Carvalho abandonou o curso no meio da graduação, mas fez o Curso de Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Pernambuco em 1998.

O contexto foi desafiado, foi muito difícil você manter uma discussão política e na militância. A universidade deu uma baixa enorme, aqueles intelectuais que tinham contribuído na abertura política, em 1988, saem da Universidade e ficam os resistentes, como o professor Ibarê Dantas, professor José Maria e o professor Caio Amada (CARVALHO, 2024).

Que eu me lembro muito bem de Fernando Henrique Cardoso era que não tinha condição de ter universidade e não curso. Não tinha água, não tinha comida no restaurante e não tinha dinheiro para pagar a luz. Minha mãe (Tânia Silva) quando foi diretora de Centro tinha que sair às 17h, porque não tinha iluminação, não tinha dinheiro para pagar (SILVA, I., 2024).

O ano de 1990 constituiu uma preparação para o funcionamento do curso em 1991. Naquele ano buscou-se tratar de questões burocráticas relacionados à aprovação do Projeto do Curso de Ciências Sociais, o qual contou com uma comissão formada pelos professores Luiz Alberto dos Santos, Nádia Fraga Vilas-Bôas e José Maria de Oliveira Silva; e à elaboração das Normas Gerais para o Concurso de Vestibular de 1990. Vale ressaltar o empenho do corpo docente não somente no empenho do funcionamento do curso no ano seguinte, mas na sua divulgação para a academia e sociedade.

De acordo com Ata da 014ª Reunião Extraordinária do DCS, a ideia sobre a divulgação veio do professor Luis Alberto dos Santos — chefe do departamento naquele período — o qual propôs a realização de um seminário, no qual fossem tratadas questões relacionadas ao novo curso de Ciências Sociais a ser implementado na UFS. A ideia foi aceita de forma positiva entre os demais professores, entre os quais o professor Rosemiro Magno da Silva que sugeriu a divulgação para dois públicos distintos - o acadêmico e os não acadêmicos, cabendo ao evento o nome *Semana das Ciências Sociais*. Nessa mesma ata, a professora Tânia Magno sugeriu que o evento transcorresse em torno de três dias, com o objetivo de atender as preocupações epistemológicas e teóricas pertinentes à área e aos professores.

Essa ideia da divulgação se concretiza com a elaboração do documento *Passos para implantação do curso de Ciências Sociais*, elaborado pela mesma comissão do PPC, que tinha por objetivos fazer uma articulação maior com o meio acadêmicos — contando até com a presença do Florestan Fernandes, pai da sociologia brasileira — e de diversos setores da sociedade, principalmente alunos do secundário e de pré-vestibular, como podemos ver a seguir:

Colocado em discussão a comissão incorporou algumas sugestões e o documento final aprovado por unanimidade é o seguinte: 1.-Internos - 1.Envio de cópia do projeto para todos os Departamentos da UFS; 2.Reunião com os Departamentos de Filosofia e História/Geografia/Estatística e Informática/Economia -mreunião das comissões com professores das áreas; 3. Reunião com os Departamentos do CECH para expor projeto; 4.Elaboração de material informativo

para divulgar junto a estudantes e servidores técnico-administrativos/Boletim/folder/entrada em salas de aula/Boletim ASCOM, etc; 5.Seminário o Cientista Social e a Sociedade Brasileira: Epistemologia, Mercado, Papel político; 6. Aula inaugural com figura de renome nas Ciências (Florestan Fernandes); 7.1º dia de aula/Responsabilidade do Colegiado do Curso. II-Externos 1. Releases para imprensa dando conta do novo curso; 2. Entrevistas em rádios e TV; 3. Informe a 30 órgãos do estado/Secretarias do Município de Aracaju/municípios do interior do Estado/Sindicatos/Profissionais da área/Empresas; 4. Visita à rede do 2º grau e pré-vestibulares no semestre de 1991; 5.Material de divulgação para os inscritos no Curso de Ciências Sociais ao vestibular; 6.Contatos com outras IFES (Ata da 015ª Reunião Extraordinária do DCS, 1990).

O empenho nessa divulgação foi recomendado, vista a necessidade de adesão dos alunos que formariam o corpo discente que faria o curso funcionar ao longo dos anos. Adriana Silva informou que ao longo dos anos de funcionamento do curso, o objetivo que o corpo docente tinha com o curso era fazê-lo continuar, pois havia uma alta evasão e baixo números de alunos, já que o curso era de uma dificuldade que muitos não conseguiam acompanhar “EU me lembro de alguma conversa nesse sentido e que talvez o curso não tivesse sustentabilidade, pois era baixa procura, pouco formando e muita evasão. A evasão se dava muito pela dificuldade, porque era um curso muito difícil e fácil de entrar” (SILVA, Inaê, 2024). Entretanto, o curso teve o seu andamento e continuação, graças aos docentes que o compuseram, são eles que se dedicam ao seu funcionamento e formação dos alunos, mesmo diante das dificuldades que pairavam sobre eles.

Assim, em 1991 é constituída a primeira turma, no qual a grade curricular era constituída das disciplinas nas três áreas das ciências sociais, junto às matérias de métodos e técnicas em pesquisa; economia; estatísticas e optativas. No quadro II é reconstituído o quadro docente nas respectivas áreas em 1991, e o Quadro III é reconstituído as disciplinas e seus respectivos professores:

Quadro II - Corpo docente do Departamento de Ciências Sociais em 1991	
Área	Docentes
Sociologia	Caio Rubens Amado de Mattos Joelina Souza Menezes Maria da Conceição Soares Siqueira Dantas Marta Vieira Cruz Nádia Fraga Villas-Bôas Neilza Barreto de Oliveira Rosemiro Magno da Silva Tânia Elias Magno da Silva
Antropologia	Fernando Lins de Carvalho Hélia Maria de Paula Barreto

	Jonatas Silva Meneses Luiz Alberto dos Santos Selmo José Queiroz Norte
Política	José Ibarê Costa Dantas José Maria de Oliveira

Fonte: Atas de 1991 do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe

Quadro III- Disciplinas do curso de Ciências Sociais (1991-1994) ⁶		
Disciplinas	Professores	Descrição
Sociologia I	Maria da Conceição Soares Siqueira Dantas	Introdução a sociologia
Sociologia II	Tânia Elias Magno da Silva	Os clássicos da sociologia
Sociologia III	Tânia Elias Magno da Silva	Sociologia do século XX
Sociologia IV	Rogério Proença de Souza Leite	Sociologia brasileira
Antropologia I	Selmo José Queiroz Norte	Introdução ao conceito de cultura
Antropologia II	Hélia Maria de Paula Barreto	História da Antropologia e o olhar da pesquisa em campo
Antropologia III	Luiz Alberto dos Santos	Teoria antropológica: evolucionismo e funcionalismo
Antropologia IV	Luiz Alberto dos Santos	Teoria antropológica: culturalismo e estruturalismo
Política I	Caio Rubens Amado de Mattos	Noção Histórica do conceito de Política I
Política II	Caio Rubens Amado de Mattos	Noção Histórica do conceito de Política II
Política III	José Maria de Oliveira	Política moderna
Política IV	José Ibarê Costa Dantas	Política contemporânea
Métodos e técnicas I	Eufrázia Cristina de Menezes Santos	Ensino de pesquisa quantitativa
Métodos e técnicas II	Rogério Proença de Souza Leite	Ensino de pesquisa qualitativa

Fonte: Dado recolhido em entrevista concedida com Adriana Silva, Clarissa Carvalho e Inaê Silva, 2024.

⁶ Só foi obtido, de forma mais detalhada, as disciplinas nas três áreas das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Política), junto às disciplinas de Métodos e Técnicas. Para além disso, havia optativas como Sociologia Agrária, Sociologia do Desenvolvimento, Sociologia da Educação, Antropologia Econômica e Arqueologia.

O panorama do Departamento nos primeiros anos, houve a participação das professoras no arranjo de documentos e acervos para o funcionamento do curso a partir de 1991, a exemplo da professora Maria Conceição, que fez um levantamento detalhado das obras de Política, Antropologia e Sociologia a serem usados no material didático no curso. As organizações das comissões de monitorias ao longo dos anos, para as disciplinas do primeiro e segundo período. A preocupação de alguns professores com a formação dos alunos de Ciências Sociais, justo no contexto em que a Universidade se encontrava e o baixo número de alunos diplomados — somente dois primeiros alunos se formaram na primeira turma de 1991. Por fim, foram organizadas as comissões das bancas examinadoras em concursos para ingressos de novos docentes no Departamento, efetivos e substitutos, para lecionar disciplinas como métodos e técnicas em Ciências Sociais, Sociologia, Antropologia e Política, em virtude dos afastamentos de professores por aposentadoria ou para capacitação.

Também foi organizado o Centro Acadêmico de Ciências Sociais em 1994, pela Adriana Silva junto ao DCE, como forma de começar a organização dos próprios discentes do curso frente às suas demandas ao Departamento.

Para concluir, podemos ver que o processo de formação e consolidação do curso foi um empreendimento que só obteve resultado ao longo dos anos, em que com a abertura dos concursos públicos na universidade, a renovação do quadro de professores com especialização nas Ciências Sociais e a produção acadêmica, que toma um caráter mais consistente tanto em nível de graduação como na pós-graduação. No fim, as experiências da década de 1990 foram a construção de um campo que só se consolidou em nível institucional nos anos 2000, conforme Adriana Silva falou:

Precisa pelo menos de 10 anos de curso em Ciências Sociais na Universidade acontecendo, para que uma produção acadêmica aconteça e que os professores se especializem. Você precisa de um fôlego para que isso aconteça. Quando abre o curso, entra Rogério e Selmo, eles têm mestrado porque foi a exigência mínima, não exigia o doutorado e depois eles saem para terminar a formação. Então assim, não tem um expoente (campo), porque você tem um processo de construção da sociologia em Sergipe, que tem esses buracos (2024).

A mesma informou que ter curso de Ciências Sociais pós-ditadura, no período da redemocratização, já era algo vitorioso. Já Inaê informa que o curso tinha um caráter de ter a formação de um campo intelectual, por causa de seu pai (Rosemiro Magno) que visou não se prender a uma formação de sociólogos técnicos, como foi na ELSP. Então, não havia uma

preocupação na formação técnica para o mercado de trabalho do que era com a área de formação para a área acadêmica.

4.CAPÍTULO 3 — Trajetórias e produções: as experiências das pioneiras do Departamento de Ciências Sociais

Depois de expor na introdução a problemática referente ao esquecimento das memórias sobre a história do curso e o protagonismo feminino na fundação do curso; ao reconstituir a história das Ciências Sociais em Sergipe, chegou o momento de abordar as trajetórias e as produções dessas intelectuais que tanto contribuíram para a consolidação do campo científico sergipano. Neste capítulo irei abordar de forma panorâmica as trajetórias dessas intelectuais com base em suas produções nos eixos do ensino, da pesquisa e da extensão.

A minha relação com essas mulheres, sobre as quais nunca tinha ouvido falar durante a minha graduação, foi se construindo com o desenvolvimento da pesquisa. Quanto mais ia adquirindo informações sobre suas histórias de vida e sobre suas contribuições intelectuais e acadêmicas em Sergipe, mais ia crescendo minha admiração por elas e o desejo de conhecê-las pessoalmente. Aquelas com quem cheguei a travar contato direto foram suficientes para me permitir conhecer e confirmar o valor de suas contribuições, não só para o campo das Ciências Sociais, como para a própria fundação do curso na UFS. A busca por elas parte da motivação em resgatar a história do DCS, empreitada que durou meses na procura de conhecidos delas que soubessem como entrar em contato com elas, sendo a maioria das tentativas frustrante e desgastante seja por questões de saúde delas, as demandas que elas possuíam no período e outras nunca consegui o seu paradeiro.

No fim, mesmo diante das dificuldades, a motivação persistia pela oportunidade de entrar em contato com elas. Nessa busca, consegui conversar com algumas como Marta Cruz, Nádia Villa-Bôas. Outras entrevistas foram mediadas pelo meu orientador, como foi o caso das conversas obtidas com Joelina Menezes, Neilza Oliveira e Tânia Magno. Esta por telefone. No caso de Beatriz Dantas, sua trajetória intelectual foi reconstituída através de dados institucionais e entrevistas localizadas em periódicos e sites especializados. Quanto aos paradesiros de Hélia Paula, Maria Conceição, Neuza Ribeiro e Berenice Sobral estes não foram localizados. Também foi de grande ajuda as entrevistas realizadas com ex-alunas⁷ dessas professoras.

Foi nessa busca que também entendi como era constituído o espaço acadêmico para essas mulheres na configuração da UFS. Para tanto, utilizei os relatos das professoras Neilza e

⁷ Inaê Silva, Adriana Silva, Najó Glória, Clarissa Carvalho, Ednalva Caetano e Maria Nascimento.

Joelina, junto aos relatos das primeiras alunas de Ciências Sociais, para compreender o modo como as relações de gênero eram percebidas naquele contexto. Trata-se de tentar entender se as relações de gênero eram percebidas no espaço em que elas circulavam ou se é algo somente observado no contexto atual. Logo, busco traçar tais trajetórias a fim de relacionar as condições favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento do trabalho acadêmico dessas intelectuais e os conflitos relacionados a gênero enfrentados por elas.

Sobre as características do espaço acadêmico da UFS na década de 90, as primeiras alunas do curso de Ciências Sociais falaram que as questões de gênero, no sentido da invisibilidade feminina, disputa de poder, conjugalidade e machismo, eram muito mascaradas, principalmente pelo fato de que o país estava atravessando um período de pós-ditadura, no qual a urgência de manter a Universidade funcionando era prioridade “A gente estava num momento tão crítico aqui na Universidade, que eu acho que isso ficava inviabilizado por conta do que era mais urgente” (GLÓRIA, 2024). Ednalva Caetano afirmava que essas questões não eram percebidas. Em relação à conjugalidade, por exemplo, ela via muito mais autonomia por parte das mulheres nas relações, do que o peso intelectual em ser casada com um homem para ser viabilizada, porque também os casais estavam temas de pesquisa diferentes. Pois para ela, essa questão de conjugalidade não pesava e sim a trajetória individual de cada uma:

Nunca percebi. Até porque, assim, os dois exemplos que eu citei aí, como eu falei a Tânia Magno sempre foi uma presença bem mais forte, que talvez seja o que você falou, a questão de ser sulista, né? Que o nordestino tem esse complexo de achar que vem do sul maravilhoso, mas assim, não era visível. Eu acho que nessa questão acadêmica é muito pessoal, entendeu? Acho que a questão de gênero na questão do desempenho e do desenvolvimento acadêmico. Eu acho que é uma coisa mais pessoal, por exemplo Tânia Magno e Beatriz, eu acho que em termos acadêmicos são pessoas muito fortes (CAETANO, 2024).

Já Inaê Silva fala que nunca presenciou qualquer questão de gênero no Departamento, principalmente porque isso é uma pauta muito mais atual do que naquela época, quando o empenho em fazer o curso funcionar era fundamental. Para ela, a conjugalidade também não era um fator de invisibilidade e sim de um reconhecimento, a exemplo de “Joelina esposa de Ponciano, Ponciano esposo de Joelina”, pois a maioria era formada por casais de intelectuais, que eram professores e produtores de conhecimento, mas que nunca percebeu essa diferença, mesmo sabendo que pode haver ofensas ou assédios como em qualquer outro ambiente, mas não como uma coisa institucionalizada ou sistêmica:

Como eram casais de intelectuais, ambos professores e produtores de conhecimento, eu nunca percebi essa diferença [...] Nem nunca vi, claro que havia uns idiotas que acham de boas fazer esse tipo de mérito, mas como uma coisa institucionalizada ou sistêmica, ou uma coisa estrutural nunca vi [...] Não existia debate de gênero no Brasil, estava começando. Quando entrei no mestrado é que

uma colega foi estudar negócio de transexual, primeira vez na vida que ouvi essa palavra nem sabia o que era [...] Eu nunca percebi isso, “ah quem é?” Ponciano... Ponciano, mulher de Joelina e diretora do Centro”, tanto que Ibarê e Beatriz são pau a pau. (SILVA, I., 2024).

Em conformidade, Adriana Silva informou que nas relações no DCS não havia relações conflituosas nas disputas acadêmicas. O grupo de um modo geral era mais colaborativo com relação ao fazer o curso acontecer, já que todos precisavam de mais alunos ativos no curso na época. Então, ela não sentia uma disputa entre os professores e as professoras, nem nunca viu desvalorização de gênero com relação às professoras do DCS:

Não, nunca vi isso ou notei, a gente tava num período de reabertura democrática. Então, minha mãe (Tânia) já tinha sido candidata, era uma figura conhecida, Neilza também já tinha sido candidata, sabe, eram figuras muito importantes e atuantes dentro da política e eram respeitadas. Até a professora Marta Cruz era atuante dentro da Universidade, Joelina também (SILVA, A., 2024)

A partir do que foi relatado até o momento, o ambiente acadêmico no qual essas intelectuais circulavam possuía condições para seu pleno desenvolvimento profissional, independente das relações conjugais, sendo elas destacadas pelos seus desempenhos acadêmicos nas suas respectivas áreas, sem nem um tipo de deslegitimação ou inviabilização por questões de gêneros. Elas conseguiram chegar a um certo patamar de reconhecimento nas suas respectivas arenas intelectuais, marcando época por sua atuação política e científica, cujas produções são referenciadas até hoje.

Quando partirmos para as lembranças das professoras, Joelina Menezes afirma que as configurações dos conflitos gêneros eram mascaradas, isto é, nas disputas pelo reconhecimento acadêmico ou pelas posições de poder nos demais setores na UFS, havia uma certa tentativa de diminuição e inviabilizar a atuação das mulheres. Ela informa, por exemplo que, quando foi Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), sua presença naquele tipo de liderança incomodava muita gente “Eu não sei, eu acho que se existiu, ela estava tão mascarada na esfera do poder, tá entendendo, aí se vou me dizer se era pelo fato de sermos mulheres, no meu caso o fato de eu estar sempre na linha de frente” (MENEZES, 2024). Joelina também falou que no contexto da UFS como um todo, algumas mulheres poderiam se sentir realmente intimidadas pela presença predominantemente masculina, o que poderia limitar o seu desenvolvimento acadêmico “Eu não sei se no conjunto está óbvio, mas pode ser que tenha, não de uma forma mais ostensiva, mas assim, em disputas, tá entendendo? Ah, porque mulher, porque não homem, isso existia, mas isso em conjunto, no centro (CECH), como todos” (MENEZES, 2024). Ademais, Joelina comentou que no contexto do DCS o convívio entre os pares era bastante saudável, já que eram pessoas de uma mesma

geração. Mesmo com a entrada de novas professoras no departamento havia o acolhimento, mesmo diante dos conflitos ou do suposto abismo geracional. respeito e convívio eram mútuos:

As pessoas que foram chegando, por exemplo, você, Rodoval, Tamara... Eu acho que nós conseguimos, né? Acolhê-los sem nenhum problema, né? Não havia problema. Lógico que, num convívio, sempre há diferenças, mas essas diferenças sempre foram coisas que administráveis. Até onde eu pude alcançar, né? Depois, eu acho que a coisa...o fato da criação, da pós-graduação, né? É como se você criasse uma esfera que está 200 milhões acima da esfera da graduação, mas eu acho que até... até aí, mesmo com as diferenças, ainda foi possível você administrar (MENEZES, 2024).

Já no âmbito das relações pessoais, Joelina mostra também que o casamento tinha um aspecto social de proteção dentro da academia, foi o que ela percebeu após sua separação:

Mas você tinha um casamento, isso lhe dava cobertura também, de certa maneira. Porque veja bem, quando eu me separei de Ponciano, pessoas que frequentavam a minha casa, passaram a me cumprimentar, assim, com medo de estar constrangendo ou contrariando ele, o Ponciano (MENEZES, 2024).

A professora Neilza complementa esse aspecto da conjugalidade, afirmando que o casamento exercia um peso em termos do reconhecimento no meio acadêmico, mas que essa condição não necessariamente restringia o desempenho e desenvolvimento profissional das mulheres na instituição:

O peso do reconhecimento entra pela questão de ser intelectual, mais intelectual do que o outro, por exemplo tem uma discussão que eu também considero que Tânia é muito melhor intelectual do que Rosemiro. Então, quem suscitou isso que nós estamos não era Rosemiro, era Tânia. E olha que Tânia tinha determinadas discussões que não era política ou conteúdo teórico, era essa coisa de discordar de Rosemiro dentro do Departamento (OLIVEIRA, N., 2022).

Ainda sob esse aspecto sutil da conjugalidade, a professora Neilza Oliveira afirma que também havia uma diferença de tratamento com as mulheres que eram separadas. Isso é dito com base em sua experiência pessoal. Essa percepção se acontece depois de sua ida ao Rio de Janeiro, para realização do mestrado, período em que teve contato com várias perspectivas analíticas, principalmente com a teoria feminista da época. Foi a partir disso que ela conseguiu sua própria essa condição no meio acadêmico, principalmente por sua condição mais transgressora, que não se submetia aos padrões sociais daquela época:

Então, na realidade, a gente tinha um tipo de perspectiva, que eu fui avançando em termos do que eu queria. Eu fui estudar, fui para a universidade. Você sabe que a universidade, por mais que seja, ela abre a cabeça da gente. E aí, na convivência com a universidade, eu não me juntava com a turma certa, eu me juntava, como a gente dizia, na universidade, com a bagaceira. Então, enquanto todo mundo... as mulheres casadas eram poucas, não é muito, estavam dentro da universidade. Eu saía com as meninas para ir para a esquina, para o boteco, na esquina. [...] Só que, por outro lado, tem a questão do casamento. Que aí, você não pode fazer isso, você não pode fazer aquilo. Entendeu? Quando eu fazia, aí minha

mãe...aí minha família, eu não sei o que. Então, esse negócio, sempre teve (OLIVEIRA, N., 2022).

O que podemos observar até agora foram breves relatos de duas professoras que ocuparam posições de relevância no espaço acadêmico e o seu esforço em situar as posições de liderança ou atuações profissionais dentro e fora dos muros da universidade. Tais visões permitem lançar um olhar preciso sobre as dinâmicas de gênero presentes nas relações que se desenvolviam no ambiente acadêmico. Vemos, que a universidade como um todo é um local com predominância masculina, sobretudo nos espaços administrativos, e que havia uma limitação para o desenvolvimento feminino, mas que elas duas não se limitavam e transgrediram aquilo que era esperado socialmente das mulheres. Joelina, por exemplo, sempre se destacou como uma figura de liderança nos setores onde ocupou funções administrativas. Neilza, por sua vez, não se submeteu ao que era esperado de uma mulher casada.

A partir disso tudo, foi possível ter a noção de como as relações de gênero eram percebidas no espaço acadêmico da UFS; a maneira como as percepções são diferentes para as professoras que ocuparam espaços de poder e para as alunas que conviveram com elas, talvez fossem as formas de convivência e os locais específicos onde essas mulheres se deslocavam, o que as tornavam tão diferentes aos olhos dos outros. Quando foi perguntado às professoras sobre se ocorria mesmo a inviabilização das mulheres nos espaços da UFS, elas informaram muito detalhadamente que isso acontecia, mas não de um modo gritante a ponto de serem palco de notícias. Eram ações que só se percebiam na sutileza de comentários ou atos no cotidiano da instituição. Visão que difere muito da das alunas que, por viverem a instituição como discentes, não podiam acompanhar os meandros das relações que aconteciam no interior dos espaços administrativos da universidade.

Após esse entendimento da condição feminina na universidade na segunda metade do século XX, sigo para a exposição das trajetórias dessas professoras na UFS. As trajetórias não serão limitadas apenas às descrições dos percursos que elas trilharam nesse ambiente. Será utilizado um quadro contendo as menções de suas produções nos eixos de ensino, pesquisa, extensão, produção acadêmica, cago administrativo e participação em evento, que contribuíram para a constituição dos trabalhos que elas realizaram enquanto professoras do DCS.

Inicialmente será apresentado o quadro de produções acadêmicas de cada professora, o qual contém as informações sobre os feitos realizados por elas junto as notas de rodapé com

suas produções disponíveis no Pergamum da UFS — site em que contém os acervos de todas as bibliotecas da UFS, nos diversos campus — seguido de outro momento no qual será abordado as trajetórias mais detalhadas daquelas que conseguimos obter mais informações, seja diretamente por elas ou por terceiros.

4.1 Compilação das trajetórias das professoras do DCS entre 1990 e 1995

Quadro IV- Produções da Professora Beatriz Dantas ⁸ (1990-1995)					
Atas	Ensino	Pesquisa	Extensão	Produção	Eventos
1990	Etnologia Brasileira; Antropologia Cultural (com monitoria); Folclore Brasileiro.	Participou do Projeto do Arquivo Nacional sobre os quinhentos anos do descobrimento das América vinculação institucional com a USP.	Organiza e coordena a exposição sobre o Índio, realizada na Galeria do SESC. Seminário sobre o meio ambiente no Colégio Estadual Castelo Branco com a palestra <i>O índio em Sergipe</i> . O programa sobre o índio foi desenvolvido, permanentemente durante todo o ano de 1990, quando vinte e sete escolas da rede estadual hospedaram a exposição sendo atingidos sete mil alunos.	O livro "O subsistema urbano regional de Crato Juazeiro do Norte", da Série Estudos Regionais" nº 21, Sudene 1989, possui um capítulo de sua autoria no texto "Juazeiro como centro de Romaria" ⁹ . Publica o artigo <i>A Mão e o Torno</i> , na Revista de Ciências Sociais, editada pela Universidade Federal do Ceará.	XIV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais ANPOCS
1991					Seminário <i>A Colonização no Baixo São Francisco</i> , Própria, 1991, (Debatedora). Encontro Cultural de Laranjeiras, mesa redonda <i>Rito de passagem na cultura rural tradicional</i> .

⁸ Publicações de Beatriz disponíveis no Pergamum: https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/pesquisa_geral?q=Dantas,%20Beatriz%20Gois&for=AUTOR.

⁹ Disponível na Biblioteca Central: <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/134484>.

					(Expositora). Encontro de Antropólogos do Norte e Nordeste, com o trabalho <i>Os Tempos nos Terreiros</i> , 1991
1992			Participação das professoras Beatriz e Berenice no Programa de Comunicações do DCS, no dia 03/12/92, com o objetivo de tentativa de resgate das Ciências Sociais.		
1993				Publicação de <i>Repertório de Documentos para a História Indígena</i> , em que foi autora e organizadora ¹⁰ .	
1994				Publicou <i>Documento para a História Indígena no Nordeste</i> ¹¹ .	
1995				Publicação do trabalho <i>Do Campus para as Escolas uso da fotografia na divulgação de pesquisa e na articulação de saberes</i> ¹² .	

Fonte: Atas de Reuniões do Departamento de Ciências Sociais da UFS, anos de 1990 a 1995.

Quadro V- Produções da Professora Hélia Maria de Paula Barreto ¹³ (1990-1995)					
Atas	Ensino	Pesquisa	Extensão	Cargo	Evento

¹⁰ Disponível na Biblioteca Campus Itabaiana: <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/119796>.

¹¹ Disponível na Biblioteca Central: <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/124341>.

¹² Segundo a Ata de reunião Departamental N° 98, a publicação do livro se tratou das experiências de professores do DCS, mas não informou o local onde foi publicado.

¹³ Publicações de Hélia Paula disponíveis no Pergamum: https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/pesquisa_geral?q=Barreto,%20H%C3%A9lia%20Maria%20de%20Paula&f_or=AUTOR.

				administrativo	
1990	Ministrou a disciplina Fundamentos de Antropologia.				Palestra no V curso de Férias para Estrangeiros, com o tema "Artesanato Sergipano", a pedido do Presidente do NUCA (Núcleo de Cidadania de Adolescentes).
1991			Montagem de exposição <i>LAMBE-SUJO X CABOCLINHOS</i> na semana do folclore, realizada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe, no Centro de Treinamento Jackson de Figueiredo.	Titular do Conselho de Extensão da PROEX.	Encontro de Antropólogos do Norte e Nordeste. Apresentação do trabalho <i>A Produção de Cerâmica</i> .
1992	Participou do dia 26/06 a 02/08 no curso sobre Antropologia Biológica.		Exposição Comemorativa e Informativa sobre Cultura Indígena na Biblioteca Pública Epiphânio Dória. Eposições <i>Nú e o Vestido</i> , para as turmas de 1º e 2º Graus da escola Francisco Rosa Santos. Exposição <i>O negro e o trabalho</i> no Núcleo Museológico/UF S.		
1993					Palestra sobre o índio sergipano no Centro Educacional.
1994				Coordenadora do Museu de Antropologia da UFS.	Palestra <i>A Identidade Indígena no Brasil</i> na Escola

					de 1º e 2º graus Leandro Maciel. Palestra <i>O índio em Sergipe</i> na Escola de 1º e 2º graus Garrastazu Médici.
1995			Exposição <i>O negro em sergipe</i>	Diretora do Museu do Homem Sergipano.	

Fonte: Atas de Reuniões do Departamento de Ciências Sociais da UFS, anos de 1990 a 1995.

Quadro VI- Produções da Professora Joelina Souza Menezes ¹⁴ (1990-1995)			
Atas	Ensino	Cargo administrativo	Evento
1990		Diretora do CECH	Ministrou o Curso <i>Linguagem nas Ciências Sociais</i> no evento do CECH sobre <i>Protestantismo e a Revolução Brasileira</i> .
1991			Organização do seminário <i>Profissão X Vestibular: uma opção consciente?</i> , com a participação do Prof. Luiz Alberto
1992	Lecionou as disciplinas Teoria Sociológica e Teoria do Estado no Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Ministrou as disciplinas Sociologia das Organizações Complexas e Sociologia III, na graduação.		Organização do <i>Seminário de Pesquisa do CECH</i> . Reunião da ANPOCS, realizada nos dias 20, 21, 22 e 23 de outubro de 1992, na cidade de Caxambu - MG.
1994	Orientação de alunos no NPPCS.	Eleita para a chefia do DCS Secretária Municipal de Ação Social, na gestão de José Almeida Lima.	
1995	Participou da comissão integrada para recepcionar e acompanhar a comissão de avaliação do curso de ciências sociais durante 18 a 20 de dezembro.	Coordenadora do Museu de Antropologia da UFS.	Mesa redonda <i>Ciências Sociais: currículo e perfil profissional</i> (com o professor Rogério Proença Leite). Participou no IXI Encontro Anual da ANPOCS.

Fonte: Atas de Reuniões do Departamento de Ciências Sociais da UFS, anos de 1990 a 1995.

¹⁴ Publicações de Joelina Menezes disponíveis no Pergamum: https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/pesquisa_geral?q=Menezes,%20Joelina%20Souza&for=AUTOR.

Quadro VII- Produções da Professora Maria da Conceição Soares Siqueira Dantas (1990-1995)			
Atas	Ensino	Pesquisa	Cargo administrativo
1990			Assessora na Reitoria.
1991	Ministrou a disciplina Sociologia Urbana no segundo semestre/1991 no NPPCS.		
1992	Iniciou o doutorado na Suécia, em setembro.		
1993	Credenciamento no Mestrado em Ciências Sociais (NPPCS).		
1995		Doação de fotografias sobre construção civil ao Museu do Homem Sergipano.	

Fonte: Atas de Reuniões do Departamento de Ciências Sociais da UFS, anos de 1990 a 1995.

Quadro VIII- Produções da Professora Marta Vieira Cruz ¹⁵ (1990-1995)					
Atas	Ensino	Pesquisa	Produção	Evento	Cargo administrativo
1990	A professora Marta Cruz se posicionou frente ao funcionamento das atividades acadêmicas na UFS.	Finalizou o Curso de Doutorado na época, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Educação na PUC-SP Volta, em que apresentou a ata do exame de qualificação aos membros do DCS.	Publicação da Dissertação de Mestrado do professor Ovídio Valois, junto ao professor Fernando Lins.		
1991		Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas <i>História, Sociedade e Educação</i> da Universidade Estadual de Campinas.			

¹⁵ Publicações de Marta Cruz disponíveis no Pergamum: https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/pesquisa_geral?q=Cruz.%20Marta%20Vieira&for=AUTOR.

		Funda e coordena o Núcleo de Pesquisa Sociedade e Educação junto com a Profª Nádia Villas-Bôas. Desenvolve o projeto <i>Levantamento e Catalogação das Fontes Primárias e Secundárias da Educação do Estado de Sergipe</i> .			
1992	Marta Cruz reforçou a proposta do DCS em promover Seminário que trariam temas para subsidiar os alunos na universidade, principalmente de Ciências Sociais.		Apresentação da obra do professor Ovídio Valois, junto aos professores Fernando Lins e Luiz Alberto ¹⁶ .		
1993	Organizou a aula inaugural do primeiro semestre/1993 com a participação do Prof. professor Walter Barreli. Inscrição para o concurso de professor titular em sociologia do DCS	Informou ao conselho um pedido de solicitação aos arquivos dos antigos órgãos de segurança da UFS, em função da pesquisa que realizava, como forma de resgatar a educação superior no estado de Sergipe.			
1994				II Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana. Palestra aos professores de educação matemática da rede oficial sobre	Foi indicada para compor o Colegiado de Filosofia.

¹⁶ Disponível nas Bibliotecas dos Campus Itabaiana e Laranjeiras: <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/125382>

				<i>Gênese da Escola Pública no Brasil, no dia 14/04/94.</i>	
1995	Disciplina Sociologia da Educação I promoveu um resgate histórico do pensamento pedagógico sergipano.		Disponibilização do banco de dados da pesquisa no repositório da BICEN (a primeira pesquisa com registro eletrônico da UFS ¹⁷). Publicação do artigo <i>Notas de pesquisa: Projeto Levantamento e Catalogação das Fontes Primárias e Secundárias da Educação do Estado de Sergipe</i> , Revista Educacion/HAB ANA.	Organização do evento Relatos de Experiências, com os professores Leyda Regis e Dr. Nestor Pivas. Congresso Mundial de Educação, em Havana. Promoveu evento sobre a Educação na década de 20 a 90 (Biblioteca central). III Encontro Nacional do Grupo de Estudo História Sociedade e Educação no Brasil.	

Fonte: Atas de Reuniões do Departamento de Ciências Sociais da UFS, anos de 1990 a 1995.

Quadro IX- Produções da Professora Nádia Fraga Villas-Bôas (1990-1995)			
Atas	Ensino	Evento	Cargo administrativo
1990	Participou da comissão do projeto do curso de Ciências Sociais. Integrante da comissão para elaboração de peso no vestibular.		Indicada como sub-chefe do Departamento.
1991	Sociologia I, para o semestre 91.1. Disciplina Análise Sociológica da Educação Fundamental da Educação no Brasil (Núcleo de Pós-Graduação em Educação). Coordenadora da área de sociologia.		Suplente no Conselho de Extensão pela Pró-Reitoria de Extensão.

¹⁷ Disponível na Biblioteca Central: <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/165295>.

1992			Encerrou as suas atividades como presidente do Colegiado no DCS.
1994		Apresentou o trabalho <i>A política educacional das intenções- O Brasil e o desafio da educação latino-americano</i> , no II Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana.	Integrante ao colegiado de pedagogia como representante do DCS.

Fonte: Atas de Reuniões do Departamento de Ciências Sociais da UFS, anos de 1990 a 1995.

Quadro X- Produções da Professora Neilza Barreto de Oliveira ¹⁸ (1990-1995)			
Atas	Ensino	Cargo administrativo	Evento
1990	Ministrou a disciplina Sociologia Geral.	Eleita representante da categoria de Auxiliar de Ensino junto ao CONSU.	Palestra <i>Democratização na Administração pública</i> (Programa de Extensão do Departamento de Serviço Social) na cidade de Japaratuba. Mesa Redonda: <i>Integração, Esporte, Estado e Sociedade</i> . Atividades preparatórias do ENEF/1990 junto ao Departamento de Educação Física e ao Centro Acadêmico (Debatedora).
1991	Parafina da turma de História e oradora pelos paraninfos do Centro de Educação. Homenageada pelos formandos de Educação Física.	Suplente no Conselho de Extensão da PROEX.	Debatedora de Mesas Redondas programadas pelo SESC. Palestra <i>Estado, Sociedade e Movimento Estudantil</i> , a convite da Prefeitura de Japaratuba-SE.. Seminário <i>Como Anda a Nossa Cultura?</i> , da Fundação Estadual de Cultura.
1992			Participou do debate <i>Relação Homem e Mulher na Sociedade atual</i> , realizado no Colégio Presidente Costa e Silva, no dia 15/08/92.
1994	Disciplina Sociologia rural.		
1995	Ministrou as disciplinas Sociologia I e Sociologia da Educação.	Eleita vice-presidente do Colegiado de Ciências Sociais.	Participou do Encontro Nacional de Geografia, em Aracaju, no qual coordenou

¹⁸ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0944374133261160>.

Publicação de Neilza Oliveira disponível no Pergamum: <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/120105>.

			um GT e apresentou um trabalho.
--	--	--	---------------------------------

Fonte: Atas de Reuniões do Departamento de Ciências Sociais da UFS, anos de 1990 a 1995.

Quadro XI- Produções da Professora Tânia Elias Magno da Silva ¹⁹ (1990-1995)					
Atas	Ensino	Pesquisa	Cargo administrativo	Produção	Eventos
1990		Projeto de pesquisa <i>Grupo de Defesas do Patrimônio de Angico.</i>	Assessora sindical da ENERGEIPE.	Publicou a pesquisa <i>As Várzeas Ameaçadas - um estudo preliminar das relações entre as comunidades humanas e os Recursos Naturais da Várzeas da Marituba no Rio São Francisco</i> (Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil - União Internacional para a conservação da Natureza/ Pró-reitora de Pesquisa da USP/Fundação Ford).	Palestrou <i>Aspectos Sociológicos da Marituba do Peixe.</i> Curso de extensão sobre <i>Tradição e Modernidade em áreas camponesas pobres.</i> Curso sobre metodologia da pesquisa <i>Encontro sobre Ciências Sociais e o Mar</i> , em Belém.
1991	Organizou a ementa da disciplina de Sociologia II. Disciplinas Sociologia I e Sociologia das Organizações Complexas, para o semestre de 1991/1.				Participou da Mesa Redonda sobre o tema <i>Extermínio de Crianças e Adolescentes em Sergipe</i> , junto ao professor Caio Amado.

¹⁹ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4392730514333344>.

Publicações de Tânia Silva disponíveis no Pergamum: https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/pesquisa_geral?q=Silva.%20T%C3%A2nia%20Elias%20Magno%20da.&for=AUTOR.

1992	Ministrou a disciplina Sociologia Rural em 92/2. Elaboração do documento <i>E AGORA DCS?</i>, como primeiro estudo elaborado pelo departamento, em que apontava direcionamentos e critérios para o curso de Ciências Sociais, implantado no ano anterior.		Eleita como suplente no conselho de Centro. Delegada da ADUFS no CONAD, em Brasília.		Participou do encontro Franco/Latino-Americano de <i>Ecologia e Desenvolvimento</i>, em que fez parte da comissão organizadora. WorkShop sobre Educação Ambiental.
1993		Disciplina Estado e Planejamento Urbano do curso de doutorado de Geografia. Apresentou relatório semestral do projeto de pesquisa Favelando/Desfavelando²⁰. Relatório de Impacto Ambiental- do Poder e o Contra-rima do Deserdados: Destruição e Sobrevivência²¹. Cadastramento no curso de mestrado em ciências sociais, pelo NPPCS.	Presidente do Colegiado do DCS.		
1994		Afastamento para cursar o doutorado em março de 1994.			

Fonte: Atas de Reuniões do Departamento de Ciências Sociais da UFS, anos de 1990 a 1995.

²⁰ Disponível na Biblioteca Central: <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/171900/>.

²¹ Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/o-rima-relatorio-de-impacto-ambiental-do-poder-e-o-contr-a-rima-dos-deserdados>. Acesso em: 17/01/2023.

4.2 Descrição dos percursos das pioneiras do curso de Ciências Sociais

Esse subtópico é uma tentativa de reconstituição das trajetórias de cinco intelectuais. O caminho percorrido para se obter um conhecimento sobre as suas memórias, como dito, foi frustrante, o que não impediu a continuidade na busca por alguma informação sobre suas carreiras enquanto docentes na UFS.

4.2.1 Beatriz Góis Dantas

Formada no Bacharelado em Geografia e História em 1962 e na licenciatura em 1963, a professora Beatriz Dantas é o sinônimo de grande pesquisadora no campo da Antropologia, tendo contribuído imensamente no campo dos estudos das religiões afro-brasileiras e do folclore. Assumiu em 1966 o cargo de professora de Etnografia e Etnologia Brasileira na FAFI, quando sua antiga mestra Josefina Leite Campos deixou o cargo. É lá que ela começa a ter as primeiras experiências enquanto docente, função que exerce até o ano da fundação da UFS, em 1968, quando é integrada ao Departamento de Psicologia e Sociologia em 1968.

É na UFS que Beatriz começa sua trajetória acadêmica propriamente dita, tanto na pesquisa como no ensino, cujos temas surgem a partir das inquietações pelos questionamentos de seus alunos:

Alguns temas e problemas de pesquisas surgiram de perguntas de alunos para as quais eu não encontrava respostas na bibliografia então disponível. Por exemplo: o que aconteceu com os índios de Sergipe na segunda metade do século XIX? Esta era uma indagação sempre partilhada com meus alunos nas aulas de Etnologia e Etnografia Brasileira (DANTAS, B., 1998, p. 13).

Foi na década de 1970 que sua produção acadêmica começou a se desenvolver de forma mais intensa. É quando ela passa a se dedicar com mais afinco à pesquisa, normalmente arcando com as despesas e a participação voluntária de alunos:

Pesquisa e ensino foram vividos como verso e reverso de uma mesma experiência, mas sempre tive o cuidado de não transformar os cursos em caudatários da investigação que estava realizando no momento. Sempre cumpri os programas. A pesquisa era uma atividade, às vezes realizada solitariamente, às vezes com participação de alunos que nela se encaixavam de diferentes modos [...] No início, a pesquisa era uma atividade pessoal. Minha carga horária na UFS era de 20 horas semanais de trabalho e dava de 8 a 12 horas em sala de aula. Desenvolvia pesquisa porque gostava, arcando com todas as despesas e sem nenhuma remuneração para tal. Assim, fiz boa parte das pesquisas sobre folclore (DANTAS, B., 1998, p. 13-14).

Beatriz começou suas pesquisas antropológicas com os estudos folclóricos sobre a Taieira, sua primeira pesquisa antropológica de caráter acadêmico, realizada nos moldes científicos vigentes na época (SANTOS, 2021). A sua motivação inicial advinha do fato da Taieira ser considerada à época um folguedo extinto em Sergipe, embora pudesse ainda ser

encontrada em Laranjeiras, a qual se apresentava no dia de Reis, conforme informou um aluno seu, Paulo Leite.

Como forma de verificar esse fato, em novembro de 1969 Beatriz foi ao encontro de Umbelinda de Araújo, conhecida como Mãe Bilinda, a mãe de santo do Terreiro Nagô de Santa Bárbara Virgem, que viria a se tornar sua principal interlocutora e cuja colaboração inicial consistiu em “descrever e documentar a dança da Taieira ainda realizada em Sergipe e analisar sua dinâmica em conexão com as mudanças da sociedade e da cultura local” (2013, p.19 *apud* Santos, 2021, p.81). Assim, em 1972, surge o livro *A Taieira de Sergipe*, que, de acordo com Eufrázia Santos (2021), foi um divisor de águas nos estudos folclóricos sergipanos. Trata-se da primeira pesquisa que utilizou os métodos da antropologia no Estado, feito que projetou nacionalmente o nome da professora. É com essa pesquisa que Beatriz começa o seu percurso investigativo, tendo a partir daí estudado mais de 13 municípios sergipanos, dentre os quais a cidade de Laranjeiras foi a que mais resultou em dados etnográfico, com suas as demais expressivas modalidades culturais como o Lambe Sujo, a Chegança e a Dança de São Gonçalo.

Beatriz ainda realizou diversas pesquisas que marcaram sua trajetória intelectual, tais como: reorganizou o Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) em 1970; participou na elaboração do Plano de Restauração, Preservação e Valorização do Patrimônio Histórico e Cultural de Laranjeiras em 1972; participou no levantamento de Fontes Primárias da História de Sergipe junto ao Departamento de Filosofia e História/UFS entre 1972 e 1974; participou no Projeto de Organização do Museu de Antropologia/UFS em 1980; participou na elaboração do “Guia Brasileiro de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros” em 1980; ajudou na organização do Repertório de Documentos para a História Indígena. Arquivo Público Estadual de Sergipe. NHHII/USP/FAPESP em 1993; pesquisou e registrou o modo de fazer Renda Irlandesa em Divina Pastora e Poço Redondo em 2000; por fim, fez os estudos e documentos sobre Rendas e Rendeiras no São Francisco em 2001.

Dentre essas realizações, o trabalho que mais impactou na história de Sergipe foi na reorganização do APES. Conforme a própria autora:

Mas o trabalho do qual guardo recordações mais fortes, talvez por ter sido o mais desafiador, foi a reorganização do Arquivo Público Estadual (APES), dotando-o de uma estrutura mínima que permitisse a preservação do acervo e as condições para o exercício da pesquisa. É um trabalho do qual me orgulho, pois acho que não só contribuiu para a preservação do acervo documental de Sergipe, mas também para formar uma consciência sobre a importância dos bens culturais. Em

suma, à frente do DCPH empenhei-me no sentido de fazer trabalhos de base, de lastreamento de uma ação cultural mais consequente com vistas ao futuro (DANTAS, B., 1998, p.24)

Já na esfera da UFS, foi docente até 1991²², ano em que ainda ministrou disciplinas para os demais cursos de graduação da instituição, tais como como Etnologia Brasileira, Folclore Brasileiro, Fundamentos Antropológicos, várias outras antropologias (Cultural, Brasileira e Social).

Outra grande contribuição ao campo da Ciências Sociais sergipana se deu através da criação do NPPCS em 1987, que exerceu um grande papel na institucionalização futura do curso de Ciências Sociais. Ela foi a primeira antropóloga com formação específica no estado, cuja dissertação, defendida na UNICAMP em 1979, sob a orientação de Manuela Carneiro da Cunha, deu a origem ao livro “Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África”, publicado em 1988, até hoje um clássico nos estudos de religiões afro-brasileiras. Conforme demonstrado por uma de suas ex-alunas²³:

A excelência de seus trabalhos acadêmicos foi responsável pela inserção da UFS no cenário das Ciências Sociais brasileiras, fazendo-se presente nos principais fóruns de discussão da área, como a Reunião Brasileira de Antropologia e o Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) (SANTOS, 2021, p.98).

4.2.2 Joelina Souza Menezes

Formada em Serviço Social pela UFS no início da década de 1970, teve sua como adesão ao campo da sociologia por influência seu antigo professor Ovídio Valois, cujas aulas de Sociologia II foram decisivas para a decisão tomada de prestar concurso como professora de sociologia no Departamento Psicologia e Sociologia em 1976. Antes mesmo, já havia prestado concurso para outras áreas como professora de Métodos e Técnicas na Universidade Estadual de Alagoas ou em instituições como a Petrobras. Contudo, sua escolha acabou pendendo para a Sociologia, em função do amor que desenvolveu pela disciplina desde os tempos de graduanda na UFS:

Eu desenvolvi um gosto muito grande pela sociologia com as aulas do professor Ovídio Valois, era um padre e um grande professor. Por exemplo, eu fui introduzida a Vitch, ele tinha conhecimento de todos esses clássicos da sociologia. Eu até comprei depois a coletânea do Vitch. Eu fiquei apaixonada com a sociologia, eu disse “se aparecer um concurso para a sociologia, eu vou me inscrever”. E eu me

²² A professora Beatriz Dantas não acompanhou a criação do curso (1991) e seus primeiros anos de funcionamento.

²³ Para saber mais sobre a trajetória de Beatriz Dantas, consultar: SANTOS, E. C. M.; DANTAS, S. G. (Org.). **Os Caminhos da Pesquisa Antropológica. Homenagem a Beatriz Góis Dantas**. 1. ed., 2021. 278p.

inscrevi, em três meses. Passei no de Maceió, passei nesse daqui (métodos e técnicas de sociologia), mas eu quero é de Sociologia (MENEZES, 2024)

Como docente, ministrou diversas disciplinas na área da sociologia, tais como Sociologia das Organizações Complexas e Sociologia da educação, além das sociológicas obrigatórias I e II: “Eu ministrei durante muito, acho que sete, oito anos, disciplina de sociologia das organizações, e eu gostava demais, embora fosse à noite, dava para a área de economia e de administração (MENEZES, 2024). Sempre demonstrando amor pela profissão, incentivava também os alunos a irem além do que a universidade proporcionava:

Então, aquele bom aluno era aquele que estava assim naquela militância, pela militância, sem muito cabedal cultural. Então, assim, tive bons alunos lá (alunos de educação). Vou lhe dar um exemplo de Simone. Eu olhava para Simone, você sabe como eu sou, eu dizia “Simone, minha filha, você é tão inteligente, tão inteligente. Você tem que fazer um concurso fora disso aqui tudo, isso aqui não vai estar para você.” e ela “E é professora?”. “Você é muito inteligente, você tem que fazer um concurso fora, para aproveitar a sua inteligência.” e ela não foi nada, foi auditora da receita federal e aposentou-se (MENEZES, 2024)

Esse incentivo aos alunos, resultava no maior acolhimento daqueles que chegavam até ela, como informado por Najó Glória:

Ela era uma pessoa que acolhia, principalmente a população LGBT. Ela acolhia e ela não acolhia só no sentido acadêmico, acolhia também no sentido material, que passaram por ela e acolheu materialmente mesmo. De encaminhar, de providenciar residência universitária, de ver estágio, tentar bolsas. Eu lembro de alunos que passaram durante a gestão dela, que eu estava lá e que eu vi os alunos virem conversar com ela, em que ela me solicitava determinados encaminhamentos que redundavam no acolhimento dessas pessoas (2024).

Joelina teve um papel ativo para a fundação do NPPCS, o qual abriu as portas para a formação do campo das Ciências Sociais em Sergipe e, conseqüentemente, criação futura da graduação na UFS. Além disso, ela também exerceu inúmeras funções administrativas e de gestão, colocando-se, pois, como importante liderança no quadro de disputas de poder na instituição. Ela foi diretora do CECH, chefe do DCS, Pró-Reitoria e integrou vários conselhos superiores, dentro e fora da academia, como é o caso do Conselho Estadual de Assistência Social do Governo do Estado, cuja conduta profissional até hoje é lembrada por aqueles que trabalhavam com ela:

Eu aprendi muito com a professora Joelina no sentido do rigor acadêmico, onde determinadas normas, de algumas condutas, assim, não botar registro de documentos oficiais, por exemplo a ata, você vai botar a professora fulana de tal. “Não Najó, olha, tem que botar o título da pessoa, essa pessoa, ela se dedicou muito, ela ralou muito para conquistar o título, então o título precede às vezes até o nome, porque as pessoas são mais reconhecidas pelo título dela, dentro da academia, dentro da formalidade, elas são mais reconhecidas pelo título que antecede o nome do que mesmo pelo nome.” (GLÓRIA, 2024).

A professora Joelina também atuou bastante na militância política, ao acolher diversas pautas, em especial as da comunidade LGBTQIAPN+:

Sei também que a professora Joelina era do Judiciário e ela tinha uma bandeira em relação. Na época, eu não me lembro nem como é que se chamava o movimento LGBT, mas ela já propunha, ela já trabalhava, ela já tinha projetos, lutas, frentes de atuação junto ao movimento LGBT. É porque ela é da assistente social, vem da assistente social (GLÓRIA, 2024).

Como podemos notar, a trajetória da professora Joelina é marcada pela sua grande atuação tanto na parte administrativa quanto burocrática na UFS, uma referência lembrada por aqueles que conviviam com ela, sobretudo a sua imagem de grande liderança responsável pela institucionalização das Ciências Sociais em Sergipe.

4.2.3 Marta Vieira Cruz

A professora Marta Cruz foi formada em Letras pela UFS, trabalhou durante muito tempo na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) até ser aprovada no concurso para professora de Sociologia no Departamento de Psicologia e Sociologia em 1976. Após fazer o seu doutorado em Filosofia da Educação na PUC-SP, no final dos anos de 1980, teve contato com o professor Dermeval Saviani, coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação” da Universidade Estadual de Campinas, responsável pelo projeto "Levantamento, Organização e Catalogação das Fontes Primárias e Secundárias da História da Educação Brasileira", ao qual a professora Marta Cruz esteve vinculada por meio do subprojeto “Levantamento e Catalogação das Fontes Primárias e Secundárias da Educação do Estado de Sergipe”, através do Núcleo de Pesquisa Sociedade e Educação (NPSE)²⁴.

Grande parte de sua trajetória acadêmica esteve relacionada com o NPSE que, inicialmente vinculado ao projeto nacional, constituiu-se como um grupo de pesquisa autônomo em 1992, desenvolvendo um trabalho pioneiro sobre a história da educação em Sergipe, contando com a participação de professores, técnicos e alunos de diversos setores da UFS (Biblioteca Central; Departamento de Ciências Sociais, Educação, Serviço Social e Educação Física; bolsistas de Iniciação Científica; e especialistas em informática e de consultoria de textos). Segundo a Dilma Oliveira, ex-colaboradora do NPSE:

Constitui primeiro como organização local vinculada a uma organização nacional. Não era nenhuma pesquisa só local, era uma pesquisa também nacional, então, o que se queria era estudar a história da educação no Brasil, com a representatividade dos estados. Então, cada estado tinha um núcleo. Cada estado, ou quase todos, tinham um núcleo para poder organizar e aprofundar a questão da história da educação no Brasil (OLIVEIRA, 2024)

²⁴ Consultar o Anexo I.

O trabalho realizado pela professora Marta Cruz consistiu na catalogação das fontes primárias e secundárias da educação sergipana, em várias instituições como a Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea, o IHGS, a Escola Técnica Federal de Sergipe (ETFS), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o Conselho Estadual de Educação, Instituto de Educação Rui Barbosa, Biblioteca Central da UFS e Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Esse trabalho possibilitou a reconstituição da história educacional sergipana, cujo resultado foi publicado em dois volumes:

A amplitude desta noção pode ser apanhada na ideia de que, enquanto fontes de informações, estas nos permitem conhecer não só os processos históricos precedentes, mas, sobretudo, nos conduzem ao conhecimento das relações econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais existentes em uma época determinada. Neste sentido é que se percebem as fontes primárias e secundárias como históricas (CRUZ, 1999, p.11)

A professora Dilma informou que a relevância do trabalho coordenado pela professora Marta Cruz foi a possibilidade de formar um banco de dados em que o pesquisador pudesse consultar facilmente as questões referente à educação estadual e que ajudou muitos pesquisadores de pós-graduação a realizarem suas pesquisas sobre o tema, inclusive a própria Dilma no doutorado:

Eu penso que a relevância é a discussão sobre a questão da pesquisa, a discussão e a ampliação da pesquisa sobre a educação no Estado de Sergipe. Como é que se deu e o que a gente pode resgatar em termos de história e educação para entender todo esse processo no Estado. E o levantamento de fontes é uma condição necessária para você pesquisar. Mas ela não é a pesquisa. A pesquisa é aquilo que você vai escrever sobre um determinado acontecimento. E aí, para que a gente depois desse levantamento, foram feitos vários seminários, encontros, participação em eventos nacionais, com apresentação de trabalho e também discussões internas. Outra coisa também que é muito importante é que muitos membros do grupo participaram do mestrado em educação daqui da universidade e foi produzido o trabalho sobre a questão da história da educação utilizando o núcleo, as informações do núcleo e ampliando o conhecimento sobre as questões históricas da educação no estado do Sergipe (OLIVEIRA, 2024).

A professora Marta era uma referência de grande liderança para muitos, principalmente pelo seu rigor acadêmico e profissionalismo. Ela sabia articular bem as demandas dos orientandos, ao mesmo tempo em que os incentivava a crescerem juntos:

A imagem que eu tenho de Marta é a melhor possível, porque é uma imagem de uma grande estudiosa, exigente com relação à cátedra dela e a relação dela com os alunos e muito comprometida com a universidade, com o ensino e com a pesquisa, isso é muito perceptível. Ela era muito competente, muito respeitada e a imagem que eu tenho dela é de uma grande profissional e cidadã. [...] Eu penso que Marta era uma referência como uma grande líder, como uma grande coordenadora. Eu acho que para ela era até uma felicidade pensar que alguém estava cada vez melhor, academicamente mais forte. Ela não tinha esse tipo de sentimento de competição, queria que o núcleo se projetasse (OLIVEIRA, D., 2024).

Em sala de aula a professora Marta também é muito lembrada pelo vigor no ensino, no modo como incentivava e passava a importância da retribuição do ensino superior à sociedade, como demonstrado por Maria Nascimento:

Sim, a professora Marta era ultra exigente, muito exigente em sala de aula e, assim, as aulas dela eram aulas dinâmicas, ela puxava muito pelo conhecimento e incitava a gente a se atualizar, principalmente na questão política. Ela cobrava essa atualização na sala de aula. Então nós começamos a fazer o que? Ler mais sobre o andamento das questões políticas na cidade. Ela incitava a gente, nós tínhamos que transpor para o dia a dia da cidade. Ela dava Sociologia I para nós. E, além de tudo, o grupo era misto, tinha pessoas de outras áreas, mas ela é altamente intelectual, conhecia muito de filosofia e fazia com que a gente pensasse na nossa atividade, formados por uma escola pública para o serviço à sociedade, reverter esse serviço. Aprendi com ela isso. Quando eu fui dar aula, eu também repassei essa maravilha de insight que ela passou para a gente. Você está numa escola pública e está estudando numa escola que é paga por pessoas que não vêm aqui. Então, o seu dever é reverter para a sociedade (2024).

4.2.4 Nádia Fraga Villas-Bôas

Formada em pela Escola Normal de Recife em 1964, no mesmo ano migra para Aracaju, sendo que, em 1968, prestou o vestibular para o curso de pedagogia na recém fundada Universidade Federal de Sergipe. Ao ingressar na primeira turma do curso, toma a decisão de se dedicar exclusivamente ao ensino superior; uma decisão que se refletiu em sua trajetória.

Após a finalização do curso na UFS, a professora Nádia passa a integrar o corpo docente da Escola Normal, como professora de Sociologia da Educação, no qual adquiriu durante anos a experiência na docência, que serviram de base para a sua trajetória acadêmica que iria seguir após prestar o concurso na UFS. Inicialmente, como técnica em educação no início dos anos 1970, período em que atuou na Pró-Reitoria de Planejamento. Foi como servidora da UFS, que soube da abertura de concurso para professores de sociologia no Departamento de Psicologia e Sociologia, o qual prestou no ano de 1976, sendo classificada em primeiro lugar graças a prova de didática.

Foi no Departamento de Psicologia e Sociologia, que se deu sua adesão às Ciências Sociais, a qual foi criada em virtude da condição de professora de Sociologia Geral para diversos cursos, disciplina que era parte da grade curricular obrigatória. Assim a professora Nádia ensinou durante muitos anos Sociologia Geral, para a maioria das turmas da universidade. Ela também ministrou as disciplinas de Sociologia da Educação e Sociologia Aplicada à Administração.

Com afinidade com a área da Sociologia da Educação desde a Escola Normal, Nádia fez o mestrado em Educação na Universidade de Brasília, estudando a história da educação no Brasil com base nos documentos do Ministério da Educação. A partir da sua experiência na área, colaborou na fundação do NPSE, junto a professora Marta Cruz, com o projeto “Levantamento e Catalogação das Fontes Primárias e Secundárias da Educação do Estado de Sergipe”.

Por fim, a professora Nádia não acompanhou os anos iniciais do curso de Ciências Sociais, visto que foi designada como diretora do Departamento de Administração Acadêmica (DAA) de 1991 até o ano de sua aposentadoria em 1995. Contudo, pelas atas de reunião do DCS, é possível ver que a professora teve um papel na comissão do projeto de curso²⁵, junto aos professores Luiz Alberto e José Maria.

4.2.5 Neilza Barreto de Oliveira

Inicialmente com o desejo de fazer Medicina, ao prestar o vestibular para a UFS, com 24 anos, acabou escolhendo o curso de Serviço Social, cursado na década de 1970, período marcado pelo combate frente à ditadura militar:

A gente que estava entrando, era muito imaturo politicamente. A gente, muitas vezes, nem sabia o que fazer, mas sempre há sempre na turma, um ou outro que sabe né? Outros que sabiam, que faziam parte de determinados grupos e assim por diante. E aí, a gente passou esses 4 anos lá dentro (OLIVEIRA, Neilza, 2022).

Após graduada, atuou por dois anos como coordenadora no Centro de Instituição²⁶ na UFS, era um programa de extensão voltado à interiorização da UFS:

Eram 3 coordenações, eu fiquei com uma [...] A interiorização da universidade era justamente, para mandar os estudantes para o interior, fazer treinamento, mas na prática era tirar os estudantes dos centros urbanos e mandar para lá. E aí, a gente fez. Aí, eu passei 2 anos lá. E depois, eu saí e fui para a iniciativa privada (OLIVEIRA, N., 2022)

Após esse período de atuação na UFS, foi para a iniciativa privada por um período de três anos, onde ocupou a função de assistente social em uma empresa de transporte. Contudo, uma das diretoras do Centro de Instituição na UFS, ao ser transferida para a Reitoria, perguntou se ela queria ensinar na universidade na modalidade de horista. Assim, a partir de 1977, Neilza passava metade do tempo ensinando no Departamento de Ciências Psicológicas,

²⁵ Ressalto que a professora Nádia, por questão da idade, não possui memórias sobre a fundação do curso, especialmente o seu papel dentro da comissão. Apenas soube informar um pouco de sua trajetória, dentro do que lembrava, no momento da entrevista.

²⁶ Durante a entrevista, a professora Neilza somente informou que atuou nesse Centro pertencente a UFS, mas que não detalhou a nomenclatura do Centro de Instituição.

Sociológicas e Antropológicas e a outra metade coordenava o Centro de Instituição na região do Grande Rosa Elze- SC.

Neilza informou que na época que entrou no Departamento de Psicologia e Sociologia, o campo das Ciências Sociais era formado por áreas de afinidades, isto é, História, Pedagogia e Serviço Social. Para ela, os grandes expoentes foram o Padre Ovídio Valois e Luiza Gonçalves que contribuíram na formação do campo em Sergipe, com trabalhos sobre a antropologia e sociologia sergipana. No Departamento atendia diversos cursos, mas que não sentia um combate às Ciências Sociais no período ditatorial e sim mais um estímulo para um campo que estava se formando e só consolidaria na década de 1990. Ela explicou que os investimentos na capacitação e qualificação profissional do corpo docente foram essenciais para a consolidação desse acadêmico das Ciências Sociais em Sergipe, assim como também explicou que a UFS formou toda a intelectualidade sergipana.

Nesse contexto, as políticas para a capacitação docente, que permitiu o afastamento para cumprimento de cursos de pós-graduação fora, afetava a distribuição de professores das disciplinas no Departamento, o que provocou a necessidade de contratação de muitos professores que substituíram esses docentes ausentes, mas cujos contratos como horistas, colaboradores ou substitutos não permitia a criação de vínculo destes. Com isso, a militância política de Neilza ganha uma nova dinâmica dentro do contexto da universidade. É nessas condições que surge um movimento dos professores horistas reivindicando sua efetivação nos departamentos, visto que muitos continuavam a ensinar e ter a mesma responsabilidade que um professor efetivo por anos, quando os docentes efetivos regressavam. Trata-se de um movimento nacional, que só foi possível por causa da abertura política. Na UFS, esse movimento juntou professores como Tânia Magno e Agamenon, além da própria Neilza, os principais expoentes na articulação do movimento:

Eu acho que tinha, dentro da universidade, 125 professores nessa situação. Quando os professores começaram a retornar, nós éramos 125 nessa situação, aí era a hora de expurgar, e na hora do expurgo, o que é que acontece? Tinha gente que já tinha 4 anos, tinha gente que já tinha 5 anos e 8 anos. Aí o que foi que nós fizemos? Já estava saindo da ditadura. A gente já podia... fazer o movimento. É por isso que foi a minha introdução na política, um pouco por aí. E aí, resultado, o que é que a gente faz? Era eu, Tânia e a Agamenon. De todos, o mais politizado era a Tânia, porque ela já tinha participado de algumas coisas de movimento em São Paulo. E a gente começou a conversar e a sentar, o que a gente podia juntar todo mundo e fazer o movimento para ficar. E aí quando a gente começou a fazer, aí uns, claro, uns com medo, outros com demais e outros começaram a juntar. E começou a ganhar corpo. E quando começou a ganhar corpo, aí a gente começou a já tinha ganho um corpo também fora daqui, e era para a gente ficar (OLIVEIRA, N., 2022).

Essa luta política que Neilza trava, possibilitou sua efetivação no Departamento, cuja entrada foi marcada pela presença de uma nova configuração à qual não estava habituada, isto é, as relações sociais que eram desenvolvidas no departamento. Segundo ela, havia a divisão dos professores efetivos concursados e os não concursados (aqueles que foram efetivados por causa do movimento feitos pelos horistas). Criou-se um entrave nas relações visto que os professores que entraram pela integração e não via do concurso, eram deslegitimados na sua prática:

Aí, os concursados e os não concursados, foi que a gente bateu de frente e aí terminou eles englobando naquele momento eu aprendi uma coisa, que para mim foi a minha maior lição, que todo mundo é professor. Foi a maior lição que eu aprendi, não só teórica, mas na prática. Não importa que você seja um contrato precário, não importa que você está fazendo o mesmo trabalho, então, você é igual ao outro. Só que você vai ter suas lutas específicas, que vamos dizer, o outro pode ajudar ou não na sua luta. Se ele quebrar esse preconceito (OLIVEIRA, N., 2022).

Neilza fez mestrado em Administração de Sistemas Educacionais na Fundação Getúlio Vargas em 1982 e, depois mestrado em Geografia na UFS em 1994. Ela informou que sua viagem ao Rio de Janeiro abriu várias perspectivas analíticas, principalmente com relação aos movimentos feministas da época com os quais teve bastante contato. São essas experiências no Rio que possibilitaram-na ter maior percepção das dinâmicas de gênero na UFS, algo que também a levou a atuar mais dentro dos movimentos sociais e políticos, especificamente no Partido dos Trabalhadores (PT) e na Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe (ADUFS) “Já tinha uma célula (PT) aqui. Já que o pessoal queria que eu me filiasse e eu disse que não me filiava, porque o que tinha muito na minha cabeça. Eu também não queria sindicato, porque eu sempre achei que era uma camisa de força e eu sempre corri de camisa de força” (OLIVEIRA, 2022).

Por fim, Neilza sempre foi uma mulher que transgrediu as normas sociais da sociedade na época, isto é, daquilo que era esperado para uma jovem mulher, mesmo sendo casada aos 18 anos e mãe de três crianças, ela tinha a noção de que a sua juventude não era como as das outras meninas as normas. Podemos ver que a sua entrada na Universidade foi uma forma de se desprender das amarras sociais que eram impostas às mulheres, em que possui uma trajetória muito marcada pela militância política, como a filiação ao Partido dos Trabalhadores, e ocupou diversos setores da UFS. Outra questão, é que as probabilidades dela estar na posição que ocupava na UFS eram baixas, em virtude de seus pais serem operários e serem originários de São Cristóvão, mas que ao ocupar os espaços acadêmicos da UFS, fez com que estivesse no meio intelectual do seu tempo:

E era o território também disso, porque o grande status era ir pra universidade e o maior status era ser professor da universidade. Eu sempre disse que caí ali e como eu não sei, porque o filho ali é operário, minha mãe era dona de casa e tudo, e eu... Primeiro ir pra universidade como aluno, depois pra ser professor da universidade. No dia que eu fui pra Pró Reitoria de de Assuntos Estudantis, eu dei um negócio de, não, se eu fiz a campanha pra você, eu posso brigar com vocês se tiver errado, mas eu seguro, entendeu? E aí eu fiz a campanha pra João Silveira. E quando acabar ele ganha e quando é depois ele me chama pra ir pra coordenação e eu nem sabia o que eu tava fazendo. E aí lá é que eu vi mesmo a força desses grupos de família. E lá dentro pra gente ver a força, porque os grupos de família não estão só no departamento de professor, eles estão como professores, eles estão como técnico, quando a gente tá vindo e enraizado assim (OLIVEIRA, N., 2022).

4.2.6 Tânia Elias Magno da Silva

Com formação inicial normalista em 1965, atuando como professora por dois anos, em 1970 ingressou no curso de bacharelado em Ciências Sociais na FFLCH, concluído em 1973, e em seguida na licenciatura, concluído em 1976. A escolha pela área das Ciências Sociais foi motivada pelo seu desejo de transformação da sociedade, especialmente no período ditatorial instalado, no qual já vinha desenvolvendo certa militância política desde a sua adolescência aos 17 anos, quando já discursava no sindicato dos operários:

Mas, naquele momento teve a ver com o momento histórico que nós vivíamos e com o engajamento político vivido por mim. Então, o único curso que responderia aos nossos anseios, por ser um curso mais crítico, era o curso de Ciências Sociais, talvez o curso de Economia e Filosofia, também, mas não são? Naquele tempo era o curso de Ciências Sociais; fui para ele exatamente buscando uma compreensão melhor do mundo, e da sociedade, me dando, posso dizer, bases para isso (ELIAS, 2013, p 3-4).

A sua inserção na docência nunca foi uma opção, já que sonhava em ser socióloga sem vínculo universitário, atuando mais em seu projeto político, a exemplo de trabalhar no Conselho de Desenvolvimento de Sergipe (CONDESE), cujas pesquisas indicadoras sociais eram utilizadas nas pesquisas e ações feita pela entidade. Por questões da necessidade de trabalho, acabou entrando na UFS em 1979:

Eu morava em São Paulo e me mudei para Aracaju em 1978 e em 1979 entrei na Universidade Federal de Sergipe como professora. Abro parênteses, para dizer que a Universidade nunca foi para mim o lugar que pensei em trabalhar. Eu queria ser socióloga, veja que coisa interessante, eu não queria ser professora universitária. Não era a universidade, o meu sonho; para mim, a universidade era uma coisa assim -, até desinteressante. Digo isto porque que fui para a universidade por questões de necessidade de trabalho; o mercado de trabalho me levou para a universidade. Eu saí de um emprego de socióloga no Estado para um concurso de professor de Sociologia na Universidade Federal de Sergipe e de lá para cá; minha carreira se fez lá (ELIAS, 2013, p.3).

Foi na UFS que fez a sua carreira. Em 1981 se afastou para fazer mestrado em Ciências Sociais na PUC/SP e doutorado em Ciências sociais em 1994. Na volta atuou junto

aos demais professores na consolidação do campo das Ciências Sociais sergipana, ao contribuir com a criação do NPPCS em 1987 e do curso de graduação em 1990. A sua atuação nas Ciências Sociais também se projeta a nível nacional, ao lutar pelo reconhecimento da profissão do sociólogo quando fazia parte da gestão da Federação Nacional de Sociólogos (FNS) e na comissão de ensino de sociologia pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Para além disso, atuou também na luta pelo ensino de sociologia nas escolas, tendo ajudado a fundar em 2013 a Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS):

Desde a regulamentação da lei que reconhece a nossa profissão de sociólogo, em plena ditadura em 1981, ao decreto que regulamenta a profissão em 1984, e a batalha para a volta do ensino de sociologia no Ensino Médio em 2008, essa luta tem sido uma constante, dentro e fora da universidade. Luta que eu acompanhei, acompanho e tenho muito carinho por ela. É uma luta pelo professor; sou licenciada professora. E agora nós temos outro desafio, uma vez que, se a sociologia entrar definitivamente nos currículos, nós temos um desafio muito grande que é repensar o curso. E talvez, futuramente, o próprio decreto que regulamenta a profissão. Isso é mais complicado, mas vai ter que ser revisto de alguma forma, porque as licenciaturas ficaram como o primo pobre da formação (ELIAS, 2013, p.12).

Ainda hoje é muito lembrada pelas intervenções sociológicas que realizava ao longo de sua carreira:

Eu acho que ciências sociais devem bastante à professora Tânia, porque ela abriu caminho num tempo em que as pessoas, como é reconhecido até hoje, que os sociólogos se restringem ao seu mundo da sociologia, fazer análise do mundo, escrever sobre o mundo sem interferir. A professora Tânia sempre interferiu e muito na realidade e na perspectiva de transformação mesmo. Ela não se importava em nenhum momento em romper a barreira do conhecimento teórico e partir para a prática. Aliás, pelo que eu vi, pelo que eu presenciei nas intervenções que ela fazia, a professora Tânia conseguia aliar, era um sacerdote da práxis. O conhecimento dela estava a serviço da prática, da prática política, da prática social que ela exercia (GLÓRIA, 2024).

Na militância política, foi filiada ao PT em 1981, partido pelo qual foi candidata ao cargo de governadora em 1992. Ajudou a Secretaria Agrária do Partido e Comitê de Apoio à Liga dos Trabalhadores Rurais. Em 1996, acabou-se afastando do PT, mas continuou na militância pelas causas que apoiava “Na militância, a consciência social é contínua e desses valores não pretendo me desfiliar, continuo na militância” (ELIAS, 2013, p.12). É pela militância e pelo trabalho contra a fome que nome, continua a ser lembrado:

Dela eu lembro bem, inclusive, porque ela sempre foi militante de movimentos sociais, e ela sempre propunhou, no caso, ela trabalhava, basicamente, com o José de Castro, a Geografia da Fome, então esse é o chefe da produção acadêmica dela. E ela era muito, muito combativa nesse aspecto, não só militante enquanto movimento social, mas também ela propugnava pela causa feminista e era incansável na defesa do direito básico, a questão da fome, da insegurança alimentar. Ela lutava muito por isso, o trabalho dela era muito para essa questão, porque da fome derivam outros desdobramentos (GLÓRIA, 2024).

Mas a sua grande contribuição acadêmica se deu com os seus estudos sobre Josué de Castro, objeto de estudo no doutorado que resultou a tese *Josué de Castro: para uma poética da fome*:

Josué de Castro, assim como muitos, muitos autores brasileiros eles só ganham dimensão eles só ganham projeção a partir de pesquisas realizadas por segundos ou terceiros e Josué de Castro mesmo, professora Tânia é uma das intelectuais que trouxe Josué de Castro. A professora Tânia é referência no estado de Sergipe, inclusive porque ela foi vanguarda. [...] Você não pode falar de Josué de Castro sem falar da professora Tânia, não tem como, porque ela é uma das maiores estudiosas de Josué de Castro no Brasil, reconhecidamente (GLÓRIA, 2024).

Nas relações com os alunos era muito afetuosa, tornando-se uma grande referencial no meio acadêmico e como uma figura política:

Apesar de bastante reservada em relação à vida pessoal, ela era uma pessoa bastante estimada, as pessoas que passaram por ela, com quem eu tive contato lá na pós-graduação e às vezes quando os meninos iam atrás dela lá para orientação ou outro gênero, eram pessoas que tinham nela não só uma referência enquanto profissional, mas uma referência enquanto ser humano. Ela rompia a barreira do orientador orientando e professor aluno, com os meninos da Iniciação Científica, era uma coisa meio maternal, eu acho que como rompia aquela coisa do espaço acadêmico. Então ela via o aluno para além da situação dele na universidade porque envolvia aspectos pessoais de ausências, às vezes até de carências materiais mesmo onde ela se envolvia (GLÓRIA, 2024).

Por fim, segundo Inaê Silva, a professora Tânia foi muito dedicada ao curso e ao campo de Ciências Sociais em Sergipe, tendo levado o nome da UFS aos diversos eventos nacionais e internacionais. Para Inaê, a professora Tânia foi durante muito tempo a socióloga de Sergipe:

Como eu te falei, ela foi a socióloga do Sergipe durante muito tempo, é que a gente não tem hoje os arquivos de televisão como tem na internet. Na internet você pegaria o ano de tal, a amostra da entrevista não tem, mas a minha mãe deu zilhões de entrevista de coisa. Então, o nome sociologia em Sergipe teve a cara da minha mãe por muito tempo, assim como o nome antropologia em Sergipe teve a cara da Beatriz Dantas até hoje (SILVA, I., 2024).

5. Conclusão

Foi perceptível ao longo da pesquisa como a falta de registro sobre as pioneiras do curso de Ciências Sociais era gritante, principalmente para as atuais gerações de discentes do curso. Movido por essa falta de registro é que o trabalho foi desenvolvido e termina. Vejo que a falta de um registro mais sistemático sobre as produções dessas mulheres no DCS, ocasiona o desconhecimento acerca dela por parte dos alunos do curso. Perguntado às professoras sobre essa falta de conhecimento sobre elas, o novo corpo discente informou que é algo natural no mundo acadêmico, ou seja, caso alguém não prossiga, seu nome será esquecido.

Em relação ao conhecimento sobre o campo das Ciências Sociais em Sergipe, há também a falta do conhecimento dessa história pelos discentes do curso. Foi nessa configuração, que o presente trabalho teve como objetivo reconstituir as trajetórias das intelectuais que foram estudadas, recuperar as suas contribuições não só no curso como ao campo das Ciências Sociais em Sergipe. Igualmente, reconstituir a histórias das Ciências Sociais em Sergipe, em seu processo de institucionalização com a fundação do NPPCS e em seguida com a graduação em Ciências Sociais, em 1991.

Através das documentações disponíveis, bibliografia e das entrevistas vemos que a formação do campo das Ciências Sociais foi marcada inicialmente pelo autodidatismo dos pioneiros, tendo como principal expoente o professor Florentino Menezes. Só com a formação da UFS em 1968, é que surge o Departamento de Psicologia e Sociologia. Na década de 80 é fundado o NPPCS, que foi um ponto crucial para que o curso de Ciências Sociais fosse criado em 1991.

A entrada dessas professoras no ensino superior serviu como um meio de atingir o cargo de docente. Dos poucos dados que possuo, grande parte delas entrou na graduação por vontade própria, como forma de se profissionalizar. Nas entrevistas que realizei, elas atuaram nas suas respectivas áreas e/ou dedicando ao mundo acadêmico, cujo acesso se deu por meio do concurso público ou pela luta dos professores horistas na luta em sua efetivação na UFS. O contexto em que a FAFI e a UFS surgem é o mesmo que Elisete Passos traz em *Palcos e Platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia* (1999), ao analisar a fundação da Faculdade de Filosofia em Salvador. Ela observou que esse processo inseriu a mulher na universidade e representa uma ruptura do modelo patriarcal dominante que destinava às mulheres daquela época, as funções domésticas em tempo integral. O ensino superior abriu de novas horizontes para essas mulheres.

Quanto à conjugalidade, variável utilizada por inspiração da dissertação de Fernanda Azeredo de Moraes, intitulada *Pântanos de relações e colchões de cumplicidade: Academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais* (2012), a autora observa as trajetórias de intelectuais a partir da perspectiva da conjugalidade, seja nas parcerias ou trajetórias individuais. Podemos observar que das entrevistadas, todas possuem independência intelectual e profissional, mas que percebiam as diferenças de tratamentos quanto às modalidades das relações, ou seja, na forma como as socializações mudaram quando elas estavam casadas e depois separadas. Também vemos que elas possuem a noção das diferenças de poder, quanto às disparidades de gêneros. Para Scott (1995), corpos generificados são formas de significar as relações de poder, mediante a elementos que constituem as relações sociais baseados nas diferenças de gênero. Então, também minhas interlocutoras observavam como as dinâmicas eram diferentes dependendo da posição em que se encontravam, a exemplo de Joelina que foi diretora do CECH e cuja presença nessas funções gerava um tipo de respeito redobrado.

Ao fim do trabalho foi possível fazer a reconstituição das trajetórias das pioneiras do curso de Ciências Sociais na UFS, primeiro com a compilação de suas trajetórias por meio das atas de reuniões departamentais do DCS, entre os anos de 1990 a 1995. Montei uma tabela dividindo as atividades de ensino, pesquisa, extensão, a produção acadêmica, ocupação em cargo administrativo e participação em eventos. Em segundo com a descrição dos percursos feitos por elas no âmbito da UFS, com base nos dados obtidos ao longo da pesquisa.

Com esse registro pude observar o papel que elas desempenharam no campo das Ciências Sociais em Sergipe. Primeiro com Joelina, articulando para que o NPPCS fosse criado, como forma de oferecer a base institucional para constituição de um corpo intelectual e profissional que permitisse a delimitação das Ciências Sociais enquanto uma ciência autônoma em Sergipe. Beatriz Dantas foi a primeira professora com formação em Antropologia em Sergipe. Ela desenvolveu várias pesquisas no campo da antropologia que se tornaram referências nacionais, principalmente nos estudos do folclore e das religiões afro-brasileiras. Marta Cruz se tornou referência no campo da educação, especialmente da Sociologia da Educação sergipana, cujas pesquisas deram base para que outros pudessem estudar a educação em Sergipe na pós-graduação. Tânia Magno, cujo trabalho sobre Josué de Castro tornou-se referência nacional, mas é sua atuação na militância política, a qual resultou na candidatura ao Governo do Estado de Sergipe em 1992, que é mais lembrada pelos seus contemporâneos. Também Neilza Oliveira e a Joelina Menezes, não só atuaram na militância

política como se destacaram no setor administrativo da UFS. Além das professoras Nádia Villa-Bôas, em sua atuação no setor administrativo da UFS; Hélia Paula no campo da antropologia, tendo contribuído especialmente com a criação do Museu do Homem de Sergipe, e Maria Conceição, que mesmo ausente nos anos iniciais do curso, em virtude do seu doutorado na Suécia, esteve presente nas ações do corpo docente do DCS.

Por fim, com a conclusão do presente trabalho, admito que atingi os seus objetivos propostos e a confirmação das hipóteses iniciais, espero que este trabalho sirva aos atuais e futuros discentes do curso de Ciências Sociais para o conhecimento da história das Ciências Sociais sergipanas e do trabalho fundamental dessas pioneiras que tanto atuaram para que o campo fosse institucionalizado e consolidado em Sergipe.

6. Referências

ALMEIDA, Maria. Dilemas da institucionalização das ciências sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil: volume 1**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, IDESP, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 15, p. 39–75, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635362>. Acesso em: 6 dez. 2024.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogas & Antropologia**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

COSTA, A. A.; SARDENBERG, C. M. Teoria e Práxis Feminista na Academia: Os Núcleos de Estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30048>. Acesso em: 23 maio. 2024.

CRUZ, Marta Vieira. **Catálogo de Fontes Primárias e Secundárias da Educação do Estado de Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Pesquisa Sociedade e Educação; Recife: Gráfica e Editora Liceu, 1999.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra: Um homem fascinado pela Antropologia. **Revista TOMO**, [S. l.], 1998. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.4907. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/4907>. Acesso em: 22 dez. 2024.

DANTAS, Ibaré. Bonifácio Fortes, pioneiro nos estudos de ciência política em Sergipe. **Revista TOMO**, [S. l.], 1998. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.4908. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/4908>. Acesso em: 22 dez. 2024.

DANTAS, Ibaré. FLORENTINO TELES DE MENEZES, O SOCIÓLOGO PIONEIRO. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, [S. l.], v. 1, n. 39, p. 203–225, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/rihgse/article/view/18788>. Acesso em: 23 dez. 2024.

DOS SANTOS, Matheus Felipe Bispo. Felte Bezerra e a antropologia regional: Um estudo sobre o intelectual do Homem sergipano. São Cristóvão: **COSMOS-Revista de Graduação em Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2020.

ELIAS, T. ENTREVISTA: PROFESSORA TÂNIA ELIAS. *Revista Inter-Legere*, [S. l.], n. 3, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4746>. Acesso em: 18 jan. 2025.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: _____. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 298-398.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). **O que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: Histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 3, p. 117–141, 2007.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativa**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de "histórias femininas, memórias e experiências". **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 8/9, p. 343–354, 2011.

LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe**. Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura/Subsecretaria de Cultura e Arte, 1984. 100 p.

LIMONGI, Fernando. A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil: volume 1**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, IDESP, 1989.

LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras” nas ciências: Refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 10, p. 345–368, 2012.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4689345>. Acesso em: 26 nov. 2024.

LOPES, M. M.; SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). Niterói: **Revista Gênero**, v.5 n.1, p. 97-109, 2004.

MICELI, Sergio. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais. In: **História das Ciências Sociais no Brasil: volume 1**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, IDESP, 1989.

MICELI, S. O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: **História das Ciências Sociais no Brasil, volume 2**. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1995.

MORAES, Fernanda Azeredo de. **Pântanos de relações e colchões de cumplicidade: academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais**. Florianópolis: UFSC, 2012. (Dissertação de mestrado)

NASCIMENTO, Afonso. Apresentação. **Revista TOMO**, [S. l.], 1998. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.4915. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/4915>. Acesso em: 31 dez. 2024.

NASCIMENTO, A. Beatriz Góis Dantas. **Revista TOMO**, [S. l.], 1998. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.4922. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/4922>. Acesso em: 20 ago. 2024.

NASCIMENTO, A. Manoel Cabral Machado. **Revista TOMO**, [S. l.], 1998. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.4920. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/4920>. Acesso em: 22 dez. 2024.

NETO, J. S. de C. SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: SIGNIFICADO E DESAFIOS DE UMA VITÓRIA. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, [S. l.], n. 226, p. 64–70, 2016. DOI: 10.25247/2447-861X.2007.n226.p64 - 70. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/144>. Acesso em: 26 dez. 2024.

OLIVEIRA, Amurabi. O lugar da Antropologia na formação docente: um olhar a partir das Escolas Normais. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 24, n. 2, p. 27–40, 2016.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642532>. Acesso em: 26 dez. 2024.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Disciplinas, docentes e conteúdos : itinerários da história na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)**. Dissertação (Mestrado em Educação), São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2011, 226f.

OLIVEIRA, Nayara Alves de. **A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971) : origens e contribuições**. Dissertação (Mestrado em Educação) – São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2011, 185 f.

ORTIZ, Renato. Notas sobre as Ciências Sociais no Brasil. In: **Ciências Sociais e Trabalho Intelectual**. São Paulo: Olho d' Água, 2002.

Padrões de qualidade para avaliação dos cursos de Ciências Sociais. Brasília: MEC/SESu, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Csoc_padrao.pdf. Acesso em 08/01/2024.

PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e Platéias - as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999.

PONTES, Heloisa. Círculos de Intelectuais e Experiência Social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, v. 12, n. 34, 1997.

SANTOS, E. F. Formação das Ciências Sociais e seus caminhos pelo Brasil. In: II Encontro sobre pensamento social brasileiro da Unesp de Marília: 100 anos de 1922 e as transformações no Brasil Moderno, 2022, Marília-SP. **anais do II Encontro sobre pensamento social brasileiro da Unesp de Marília**, 2022.

SARDENBERG, C. M. B. Estudos feministas: esboço crítico. In: AMARAL, C. C. G. (Org.). **Teoria e práxis dos enfoques de gênero**. Salvador: REDOR, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SILVA, Adriana Elias Magno da. Florentino Menezes: Um pioneiro da sociologia no Brasil. **Revista TOMO**, [S. l.], 2006. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.4911. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/4911>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SILVA, Tânia Elias Magno. A Sociologia em Sergipe: um olhar sobre o pioneirismo e a atualidade. In: PLANCHEREL, Alice Anabuki; OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. (Org.). **Leituras sobre sociologia no ensino médio**. Maceió: EDUFAL, 2007. pp.151-173.

SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. **Trajetórias intelectuais: professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (1934-1969)**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

7. Anexo I- Primeiros professores do Departamento de Ciências Sociais



Imagem I- Colagem dos primeiros professores do DCS/UFPA

Legenda: Da esquerda para a direita, em ordem temos: Joeline Sousa Menezes (1); Jonatas Silva Menezes (2); Marta Vieira Cruz (3); Fernando Lins de Carvalho (4); Beatriz Góis Dantas (5); Tânia Elias Magna da Silva (6); Rosemiro Magno da Silva (7); José Ibarê Costa Dantas (8); Luiz Alberto dos Santos (9).

Fonte: Igor Santos, 2025 – Colagem das fotos dos primeiros professores do DCS/UFPA.

8. Anexo II- Imagens do Arquivo do NPSE/UFS



Imagem II- Grupo de Estudos e Pesquisa "História, Sociedade e Educação"²⁷
Fonte: Arquivo do NPSE, 1992.

²⁷ A professora Marta Cruz é aquela vestida de calça vermelha e blusa preta.

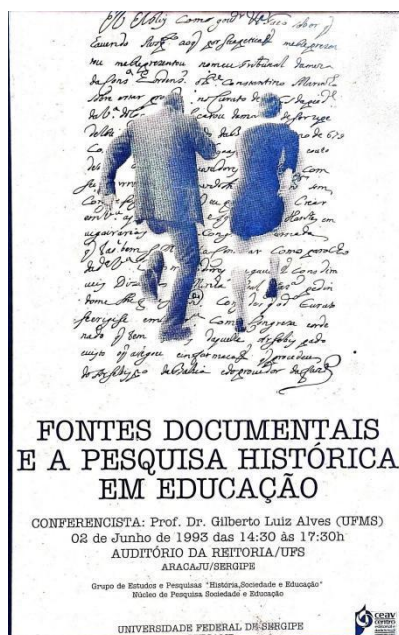


Imagem III - Fontes documentais e a pesquisa histórica em educação.
Fonte: Arquivo do NPSE, 1993.

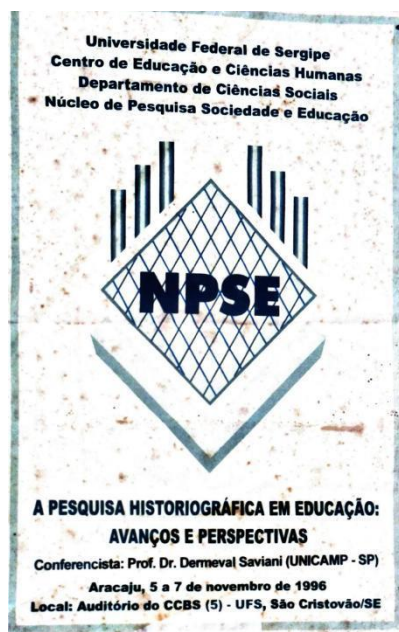


Imagem IV - A pesquisa historiográfica em educação: avanços e perspectivas.
Fonte: Arquivo do NPSE, 1996.

9. Anexo III- IV Semana de Ciências Sociais

MINI-CURSO Métodos Quantitativos na Pesquisa Soci- al Prof. Jorge Alexandre B. Neves (UFPE) Período: 22 a 25 de novembro Horário: 14:00 às 18:00 Local: Mini-Auditório da Didática III Inscrição: Secretaria do DCS EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA O Negro em Sergipe (Museu do Homem Sergipano) Local: Hall da Biblioteca Central Perfis (Conceição S. S. Dantas) Local: Hall da Reitoria ATIVIDADES CULTURAIS 23 de novembro (terça-feira) Lançamento de livros Concerto musical: Daniela Faber (piano) Gilberto de M. Santos (flauta) 26 de novembro (sexta-feira) Concerto musical Fernando Miguel (piano) Local: Auditório da Reitoria	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE Reitor José Fernandes de Lima Vice-Reitor Josué Modesto dos Passos Subrinho Chefe do Deptº. de Ciências Sociais Joelina Souza Menezes COMISSÃO ORGANIZADORA: Eufrázia C. Menezes (Coordenação) Maria da Conceição S. Dantas Paulo Sérgio da C. Neves APOIO FAPESE Impresso no Címpo - UFS	IV SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  CIÊNCIAS SOCIAIS no SÉCULO XXI 22 a 26 de novembro de 1999 São Cristóvão – SE
---	--	---

Imagem V- Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais/UFS, 1999

APRESENTAÇÃO A realização da IV Semana de Ciências Sociais tem como objetivo promover um fórum de debates sobre a nova agenda das Ciências Sociais. Num Contexto marcado por um profundo sentimento de mal-estar, idéias de crise e desconstrução, torna-se imprescindível discutir o lugar, o papel e o sentido das Ciências Sociais na Sociedade contemporânea, sublinhando a importância da sua posição no processo de reflexão da Vida Social. A Coordenação	PROGRAMAÇÃO 23 de novembro (terça-feira) 19:00 – Abertura Conferência: Modernidade, Reflexividade e Subjetividade Coletiva Coordenação: Joelina S. Menezes (DCS/UFS) Conferencista: José Mauricio Domingues (IFCS/UFRJ) Local: Auditório da Reitoria 24 de novembro (quarta-feira) 9:00 – Mesa I: A Crise dos Modelos Teóricos nas Ciências Sociais Coordenação: Rodorval Ramalho (DCS/UFS) Expositores: José Mauricio Domingues (IFCS/UFRJ) Tânia Elias Magno (DCS/UFS) Debatedor: José Maria de Oliveira (DCS/UFS) Local: Mini-Auditório da Didática III 12:00 às 14:00 – Sessão de Vídeo Local: NAV/BICEN (Sala 01) 14:00 às 17:30 – Conferência: Cultura Material: revisitando um velho tema	Conferencista: Beatriz Góis Dantas (UFS) Local: Mini-Auditório da Didática III 25 de novembro (quinta-feira) 9:00 – Mesa II: A Ciência Social Contemporânea e a Questão da Identidade Coordenação: Eufrázia C. Menezes (DCS/UFS) Expositores: José Mauricio Mangueira (DPS/UFS) Paulo Sérgio da C. Neves (DCS/UFS) Debatedor: Ulisses Neves Rafael (DCS/UFS) Local: Mini-Auditório da Didática III 12:00 às 14:00 – Sessão de Vídeo Local: NAV/BICEN (Sala 01) 14:00 às 17:50 – Grupos de Trabalho 26 de novembro (sexta-feira) 9:00 – Mesa III: As Ciências Sociais na UFS Coordenação: Josadac Bezerra (DCS/UFS) Expositores: Joelina S. Menezes (DCS/UFS) Maria da Conceição S. S. Dantas (DCS/UFS) Local: Mini-Auditório da Didática III 14:00 às 17:30 – Grupos de Trabalho
---	--	--

Imagem VI- Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais/UFS, 1999.

10. Anexo IV – Roteiro de entrevista semiestruturada com os discentes do curso de Ciências Sociais

Bloco 1: Explicar o tcc

Bloco 2: Informação básica:

1. Nome
2. Ano de entrada
3. Semestre atual

Bloco 3: Percepções Iniciais:

1. Você sabe como o curso de Ciências Sociais foi fundado?
2. Sabe o ano? Ou quem ajudou a fundar?
3. Sabia que o campo das ciências sociais em Sergipe é bem antes da fundação do curso na UFS?
4. Você sabia que mulheres ajudaram a fundar o curso e o departamento?
5. Como se sente após responder essas perguntas? (instigar mais?)

Bloco 4: Disciplinas:

1. Qual a sua opinião sobre a bibliografia do curso como um todo?
2. Ele aborda mulheres como referências obrigatórias e/ou complementares?
3. Em algum momento você já leu alguma produção feminina sergipana?

Bloco 5: Mulheres

1. Você já ouviu falar em alguma dessas mulheres?

Tânia Elias Magno da Silva, Neilza Barreto de Oliveira, Neuza Maria de Sales Ribeiro, Beatriz Góis Dantas, Nádia Fraga Vilas-Boas, Marta Vieira Cruz, Joelina Souza Menezes e Hélia Maria de Paula Barreto, Maria da Conceição Soares Siqueira Dantas e Berenice Costa Sobral.

2. Se sim quais? Como teve conhecimento?
3. Você sabia que algumas dessas mulheres participaram ativamente para que o campo das ciências sociais fosse institucionalizado em Sergipe?
4. Algum professor já as utilizou em alguma bibliografia em algumas disciplinas?
5. Você acha que o Departamento deveria trabalhar as produções dessas mulheres? Se sim, por quê?
6. Você tem a impressão de que essas mulheres são bem mais referenciadas em outros departamentos? Se sim, quais?
7. Você acha que o DCS deveria resgatar as memórias dessas mulheres e da formação do curso? como? por quê?

11. Anexo V – Roteiro de entrevista semiestruturada com as pioneiras do curso de Ciências Sociais

Bloco 1: trajetória

1. Como se dá a constituição de sua trajetória até a entrada no ensino superior, isto é, quais condições contribuíram?
2. Como se deu sua trajetória acadêmica, da graduação até a posição de docente na UFS?
3. Poderia falar um pouco como se dá sua adesão às Ciências Sociais ao longo de sua carreira?
4. Qual(s) o(s) tema(s) que você atuava na produção intelectual?
5. Como foi sua atuação na Pós-Graduação (Quais programas, disciplinas ministradas e trabalhos normalmente orientados)?
6. Quais atividades administrativas exerceu na UFS, caso tenha exercido?
7. Com relação às atividades de extensão, pesquisa e extensão? Como eram para você?
8. Com relação à vida na universidade, como você analisa o ambiente intelectual da época?
9. Como era o convívio entre os colegas do Departamento?
10. Em algum momento chegaram a duvidar da sua capacidade intelectual, enquanto uma mulher que ocupava posições de prestígio ou/e administrativo?
11. Havia restrições à participação das professoras nas atividades acadêmicas como um todo?

Bloco 2: Ciências Sociais em Sergipe

12. Como era o campo da Ciências Sociais em Sergipe?
13. Como foi o processo de desmembramento do Departamento de Psicologia e Sociologia para a criação do Departamento de Ciências Sociais, juntamente com a criação do curso de Ciências Sociais?
14. Quais as perspectivas que havia do Curso no mercado em Sergipe ou do Campo intelectual?
15. Para você, ter a institucionalização do curso de ciências sociais e o NPGCS, são sinônimos de ter um campo intelectual já consolidado?
16. Como era o funcionamento do curso naquela época?
17. Quais assuntos eram abordados nas três áreas?
18. Como avalia as condições conjunturais que o curso inseriu no início da década de 90?
19. Como foi a crise dos primeiros anos do curso, visto que teve a possibilidade de ser fechado devido ao baixo número de alunos graduados?
20. Você atuou na pós de ciências sociais? Se sim, quais as perspectivas que havia do curso de mestrado, ao ingressarem?
21. Quais as perspectivas que havia do Curso de mestrado no mercado em Sergipe ou do Campo intelectual?
22. Como você analisa a participação das mulheres na fundação e consolidação do curso de Ciências Sociais na UFS? Particularmente, qual a sua colaboração nesse processo?
23. As primeiras professoras de Ciências Sociais alcançaram algum tipo de projeção intelectual para além dos muros da Universidade?
24. É notável que estão em um certo nível de esquecimento na atual geração de discentes do curso na UFS. Como você se sente em relação a esse esquecimento?

12. Anexo VI – Roteiro de entrevista semiestruturada com os alunos contemporâneos as pioneiras

Bloco 1: trajetória

1. Informações básicas: nome, idade, escolaridade e profissão.
2. Quais condições contribuíram para chegar ao ensino superior e no curso?
3. Como foi a sua trajetória acadêmica?

Bloco 2: Anos iniciais do curso

4. Como você soube do curso de Ciências Sociais?
5. Quantos alunos entraram no seu ano?
6. Como era a forma de ingresso? Só existia o curso de bacharel ou tinha o de licenciatura também?
7. Como era o funcionamento do curso naquela época?
8. Quais assuntos eram abordados nas três áreas?
9. Quais as perspectivas que havia do Curso de Ciências Sociais, ao ingressarem?
10. Quais as perspectivas que havia do Curso no mercado em Sergipe ou do Campo intelectual?
11. Para você ter a institucionalização do curso de ciências sociais e o NPGCS, são sinônimos de ter um campo intelectual já consolidado?
12. Como foi a crise dos primeiros anos do curso visto que teve a possibilidade de ser fechado devido ao baixo número de alunos graduados?

Bloco 3: Sobre as professoras

13. Como foi a atuação das professoras do departamento naqueles anos? Isto é, nas contribuições para a formação e consolidação do curso
14. Quais memórias possui dessas professoras?
15. Como eram elas em salas de aulas? Que conteúdos chegavam a dar?
16. Chegou a fazer algum trabalho com elas?
17. Nas relações que elas estabeleciam na da UFS, como eram as suas percepções?
18. Como era a relevância dela tanto em Sergipe como Nacionalmente/Internacionalmente?
19. Você percebia alguma inviabilização por questões de gênero? nas relações conjugais, por exemplo?

13. Anexo VII – Roteiro de entrevista semiestruturada para Dilma Oliveira e Maria Nascimento

Bloco 3: Informações básicas

1. Nome:
2. Profissão/formação:
3. Área de atuação:
4. Trajetória:

Bloco 2: Núcleo de Pesquisa Sociedade e Educação

1. Como se formou?
2. Quais as produções foram feitas?
3. Quais as relevâncias para o campo de Sergipe?
4. Quais professores participavam?
5. Sobre o principal trabalho de vocês, como se deu a motivação de fazê-lo?
6. A pesquisa abrangeu muitos setores, mas que houve uma grande dificuldade de produzi-lo, devido aos cortes, vocês acompanharam esse processo?
7. Por ser um trabalho pioneiro para a sua época, como se sentem com essa conquista?
8. Por que o núcleo vai deixar de atuar?

Bloco 3: Sobre a professora Marta Vieira Cruz

1. Como vocês conheceram ela?
2. Como ela era enquanto docente na UFS, isto é, como professora, pesquisadora e na extensão?
3. Nas relações que ela estabelecia na da UFS, como eram as suas percepções?
4. Sabe um pouco da trajetória dela?
5. Quais as principais produções dela?
6. Como era a relevância dela tanto em Sergipe como Nacionalmente/Internacionalmente?